



revista mangues&letras

31 de maio 2020 - Número 13

ISSN: 2236 9570

clausura do dentro



**PROIBIDA
A
ENTRADA
SEM
MÁSCARA**

EDITORIAL CLAUSURA DO DENTRO

A ideia de organizar um número especial da Revista Mangles&Letras surgiu dos intensos diálogos e troca de mensagens na Quarentena. Trancada no espaço da privatividade, a razão pede rua. A imaginação, por sua vez, transpõe os limites da realidade objetiva. É preciso entender o já, o agora-agora, o instante fugidio e contínuo da *Clausura do Dentro*. Neste movimento, memória puxa memória, e Peter Pál Pelbart vem em nosso socorro. *Da clausura do fora ao fora da clausura*. Quanto de *loucura e desrazão* nos assola nesses tempos de guerra narrativa, biológica, política, necrofilia, onde a doença como metáfora parece desvelar nossas vísceras mais fétidas, tendo muito a dizer e a nos fazer pensar. A pandemia que nos arrasa revelou uma *loucura pandêmica* que já há tempo nos cavalgava, mas que agora corre solta feito o vento na sucessão vertiginosa dos dias, no amontoado de números, cálculos, mortes, infectados, aflitos, abandonados, e fatos sócio-político-sanitários-midiáticos, etc, dignos de uma grande epopeia impossível de narrar. Resolvemos então unir as ideias(algumas), para além e a despeito de tanta vida e dor e desalento e desencanto e esperança. A Mangles&Letras entrega agora ao leitor uma breve reflexão sobre a experiência de vivermos enclausurados no dentro. Ao repensar o dentro a partir da doença, da loucura, da política, a revista permite-nos refletir sobre a necessidade de entender a falta de ar que nos trespassa, o habitar de cada um de nós na luta contra um vírus invisível e seus desdobramentos, fato que definitivamente inaugura o século XXI. Para o melhor ou o para pior? Depende de nós.

Das Editoras(es)

Conselho Editorial

Ana Paula Tavares (Portugal); Abdoul Savadogo (Burkina Faso); Alberto Mathe (Moçambique); Alessandro de Lia (RN); Amarino Queiroz (RN); Ana Claudia Gualberto Félix (PB); Ana Mafalda Leite (Portugal); André Monteiro (MG); André Teles (CE); Andrea Turolo (CE); Ângela de Souza (RN); Anória Oliveira (BA); Arlete Petry (RN); Auristela Rafael Lopes (CE); Carlos Emílio Correa Lima (CE); Carlos Braga (RN); Carlos Negreiros (RN); Carmen Secco (RJ); Conceição Flores (RN); Daniela Aragão (MG); Daniela Galdino (BA); Derivaldo dos Santos (RN); Dionísio Bahule (Moçambique); Elio Ferreira (PI); Enilce Albergaria (MG); Fábio Vieira (RN); Fátima Costa (PE); Fátima Souza (AM); Francy Silva (PB); Flávia Maia (PB); Flávia Rouca (AC); Hebe Macedo (CE); Henrique Eduardo de Sousa (RN); Hozanete Lima (RN); Humberto Hermenegildo (RN); Izabel Cristina Teixeira (CE); Izabel Nascimento (RN); João Paulo Pinto Có (Guiné-Bissau); José Luiz Ferreira (RN); Júlio Lima (CE); Jurema Oliveira (ES); Leo Lispector (RN); Luan Henrique (CE); Lucia Lucena (PB); Luíza Nóbrega (Portugal); Luciano Justino (PB); Luiz Valverde (BA); Luma Virgínia (RN); Malu B. (CE); Manuel Cástomo (Moçambique); Márcia Manir (MA); Márcio Barbosa (RN); Marcos Antônio Costa (RN); Marcos Falcheiro Falleiros (RN); Maria Aparecida de Matos (TO); Márcio de Lima Dantas (RN); Marta Aparecida Gonçalves (RN); Mauro Dunder (RN); Pauline Champagnat (França); Paulina Chiziane (Moçambique); Paulo Henrique Duque (RN); Renata Rolon (AM); Roland Walter (PE); Rosanne Araújo (RN); Rosilda Bezerra (PB); Sávio Roberto Fonseca (PB); Suely Sousa (RN); Tâmara Abreu (RN); Tânia Lima (RN); Thamise Cerqueira (RN); Thayane Moraes (RN); Valéria Dallegrave (CE); Vanessa Riambau (PB); Vanessa Ribeiro (RJ); William Ferreira (Guiné-Bissau); Zuleide Duarte (PE).

Expediente

Número 13

31 de maio de 2020

ISSN: 2236 9570

130 páginas

Editoras: Tânia Lima (RN), Fátima Costa (PE)

Editores Adjuntos: Carlos Emílio Correa Lima (CE); Valéria Dallegrave (CE); Elio Ferreira (PI), Alberto Mathe (Moçambique); Dionísio Bahule (Moçambique).

Revisão: Andréa Cristina Soares Costa; Auristela Rafael Lopes; Thayane Moraes.

Foto da capa: Marjorie Medeiros

Diagramação: Tânia Lima

WebDesigner: Thamise Cerqueira

e-mail: manguesletras@gmail.com

clausura do dentro

E abrem-se as cortinas: tem início o século XXI,
definitivamente.



VIDA19.COM: VAGUEIO, RESSURJO

NegrAnória.d'Oxum

Às vidas ceifadas

Teço versos insípidos:
março, abril, maio...,
Despedaçadas vidas, vagueio.

Receios e mágoas, incerto *devir*.
Aprisionadas lágrimas, despejo.

Podres poderes, a que preço?
Tramas, tiros, torturas, traumas: Marieles, Evaldos, Luciano,
Paraisópolis, João Pedro, Rodrigo... covid!
Sufocados gritos soltos.

Pandemia, pandemônios: vidas negras esgarçadas, branquitude, o
pacto.
Anseios rotos, sórdidas disputas:
semeiam ódio, reich, este.
Receios, ruminações e rugas
Repulsa interna, causam-me.

Seres frios, frígidos, branquitude atávica.
Ceifam sonhos d'Áfricas, negra diáspora:
necrorracismos, odores antigos, perigo, pressinto.
Loucos? Não!
Genocidas, inescrupulosos, sórdidos seres.

Déspotas figuras, em mansões, convivem.
Nas ruas, em casas, em prédios e pontes, minha gente preta, covid.

A esperança, amordaçaram, eles.
Negro entardecer, abraços, beijos, anseios reprimidos.

Larô iê! Larô iê!
Ôôôôôôgum iê!
Axé kaô, kabiessilê!
Ôkearô!
Máscaras, máculas nefastas, estilhaço
Flechas certeiras sob as cicatrizes:
Nzingas, Mahins, Carolinas e Evaristos insurgem.
Necrorracismos rasuro, rasgo, triturado.

Exêê babá!
Oromi má, oromi maiô, oromi maiô, abadô iê, iê, iê ô...
Axé, kaô, axé kaô. Axé...



Reprodução da internet - Johannesburgo, África do Sul

Quarentena

Trancada
no abismo de mim

Normalidade

Livre nas celas do cotidiano



Em Los Angeles, na Califórnia, Hijack

LUMA VIRGÍNIA

Correspondência futurista

Escrevo-me cartas do futuro

mas não sei ler.

**#3 Self-Portrait With Thorn
Necklace And Hummingbird
By Frida Kahlo, 1940**



Ao fim do dia, podemos aguentar muito mais do que
pensamos que podemos...

Frida Kahlo

Vieram muitos

"A massambala cresce a olhos nus"

Vieram muitos
à procura de pasto
traziam olhos rasos da poeira e da sede
e o gado perdido.
Vieram muitos
à promessa de pasto
de capim gordo
das tranqüilas águas do lago.
Vieram de mãos vazias
mas olhos de sede
e sandálias gastas
da procura de pasto.
Ficaram pouco tempo
mas todo o pasto se gastou na sede
enquanto a massambala crescia
a olhos nus.
Partiram com olhos rasos de pasto
limpos de poeira
levaram o gado gordo e as raparigas.

November without water

Olha-me p'ra estas crianças de vidro
cheias de água até às lágrimas
enchendo a cidade de estilhaços
procurando a vida
nos caixotes do lixo.
Olha-me estas crianças
transporte
animais de carga sobre os dias
percorrendo a cidade até aos bordos
carregam a morte sobre os ombros
despejam-se sobre o espaço
enchendo a cidade de estilhaços.

ANA PAULA TAVARES



Artistas do grupo senegalês de grafite RBS Crew finalizam o desenho de uma mulher cobrindo o nariz— Foto: Seyllou/Reuters



Anthony Wallace - Getty Images

Troquei mais algumas palavras com minha mãe pelo celular. Afaguei minha peluda Mila, cor de rocambole, e minha peluda Clementina, tão negra quanto o veludo da noite. Higienizei minhas mãos com o cheiro de álcool, que sempre me faz lembrar vidro limpinho ou corredor de hospital. Fui caminhando pela rua vazia, escura de uma quinta feira a qual já não sou capaz de localizar ano, tempo e espaço. Um catador de papel me dá um Oi:" - Pior que isso Dona é se nós não conseguir sobreviver". Ando com meus passos rápidos, com medo de minha solidão, da solidão de tantos e tantos vazios. Com vontade imensa de dar as mãos, minha humanidade combalida para o desconhecido catador de papel, despido de sua carroça e com sua mísera sacolinha de plástico entre os dedos. O concreto da calçada abafa a profusão de sons (muitas lives) que me permitiram momentos de evasão nessa perdição absoluta. Subo as escadas, toco a campainha. Minha mãe confere minha máscara e se posiciona numa distância que aprisiona meu peito. Rápido tiro meu vestido longo florido, chinelos pretos. Busco a camisola. Busco não sei o que José.

Daniela Aragão

Poema Ordinário

Zélia Lopes

Diante da morte
O empresário vê um operário a menos
A igreja vê um dízimo a menos
O governo vê um contribuinte a menos
O gerente do banco vê um correntista a menos
O dono da padaria vê um comprador a menos
O dono da bola vê um jogador a menos
O dono do bar vê um copo a menos
O político vê um eleitor a menos
Mas para os vermes da Terra
Insaciáveis como seus irmãos capitalistas
É apenas um corpo morto
Não está nas estatísticas
O medo não
Nos permite abrir a porta
O mal, eles dizem, está no outro
O outro carrega o vírus
O outro morador da rua
Catador de latinhas

De papelão
De pés descalços
De condução
Esse outro que
A VALE DO RIO DOCE matou

A FIESP cozinhou
A HAVAN bebeu
A AMBEV mastigou
O ITAÚ engoliu
Por isso se protejam contra o terrorista mais perigoso
O maior de todos:
O poeta
Afiml a poesia não serve pra nada
Ela se serve de tudo.

MARIA FIRMINA DOS REIS

URSULA

ROMANCE ORIGINAL BRASILEIRO

EDIÇÃO FACSIMILAR

0032172/2003



L0000032175

Temido na guerra,—do bravo temido;
Possante guerreiro, nas selvas nasci.

Se entãem prisioneiros valentes eu trago,
A tribu me applaude... que bravo sou eu!..
De dentes inimigos o numero é tanto
Qu'attestam qu'o forte jamais me venceo.

Sou filho das selvas,—não temo o combate,
Não temo o guerreiro,—guerreiro nasci:
Sou bravo... eu invoco do bravo o valor;
Sou filho d'um bravo, valente tupi.

MARIA FIRMINA DOS REIS.



Olinda hoje amanheceu chorando, uma chuva fina e contínua desde a madrugada, às vezes engrossa feito um soluço grave, às vezes afina, feito um ressentimento impossível de ser tratado. Daqui a impressão que tenho é que isso está acontecendo em todo o país. Triste de um povo que precisa que a natureza chore por ele. Aí de nós, infortúnio dos infortúnios, além do vírus, somos governados por um conjunto de homens vorazes e virulentos. O governo é o abre-alas para o vírus, instalou no poder o gabinete do ódio, o comportamento miliciano de chantagens, e opera sistematicamente com a produção de mentiras e todo um conjunto orquestrado ou não de turbulências, discórdias, crises, brigas, etc, tudo isso para desviar a atenção do que realmente importa, daquilo que tivemos uma amostra ontem com o famoso vídeo da reunião ministerial. E não adianta cobrar projetos a Bolsonaro e seus conselheiros, ele não foi eleito para isso, foi eleito para ser ELE mesmo, ou seja, passar 27 anos no poder sem propor um projeto que não seja o de elogiar e dar comenda oficial a miliciano. Bolsonaro não foi eleito para propor coisas novas,

mas para rasgar, esgarçar o tecido social, decompor as relações humanas, ameaçar a fala pública e as instituições, e tudo isso em nome de Deus. Ele está aí para dilacerar, dismantelar, esfarelar a sociedade ou o que resta dela, e para isso, precisa juntar um exército de alopados e criminosos, armados de rifles até os dentes, de facão ou celulares, para tramar o mosaico da destruição. E nós, que fazemos? Tranquilamente deitados em berço esplêndido esperamos que a natureza chore por nós e que isso resolva os nossos nós.

FATIMA COSTA
(Poeta& Filósofa)



Reprodução da internet - Foto divulgação



REVOLUÇÃO E MULHERES

MARIA VELHO DA COSTA

Elas fizeram greves de braços caídos.
Elas brigaram em casa para ir ao sindicato e à junta.
Elas gritaram à vizinha que era fascista.
Elas souberam dizer salário igual e creches e cantinas.
Elas vieram para a rua de encarnado.
Elas foram pedir para ali uma estrada de alcatrão e canos de água.
Elas gritaram muito.
Elas encheram as ruas de cravos.
Elas disseram à mãe e à sogra que isso era dantes.
Elas trouxeram alento e sopa aos quartéis e à rua.
Elas foram para as portas de armas com os filhos ao colo.
Elas ouviram falar de uma grande mudança que ia entrar pelas casas.
Elas choraram no cais agarradas aos filhos que vinham da guerra.
Elas choraram de verem o pai a guerrear com o filho.
Elas tiveram medo e foram e não foram.

Elas aprenderam a mexer nos livros de contas e nas alfaias das herdades abandonadas.
Elas dobraram em quatro um papel que levava dentro uma cruzinha laboriosa.
Elas sentaram-se a falar à roda de uma mesa a ver como podia ser sem os patrões.
Elas levantaram o braço nas grandes assembleias.
Elas costuraram bandeiras e bordaram a fio amarelo pequenas foices e martelos.
Elas disseram à mãe, segure-me aí os cachopos, senhora, que a gente vai de camioneta a Lisboa dizer-lhes como é.
Elas vieram dos arrebalde com o fogão à cabeça ocupar uma parte de casa fechada.
Elas estenderam roupa a cantar, com as armas que temos na mão.
Elas diziam tu às pessoas com estudos e aos outros homens.
Elas iam e não sabiam para onde, mas que iam.
Elas acendem o lume.
Elas cortam o pão e aquecem o café esfriado.
São elas que acordam pela manhã as bestas, os homens e as crianças adormecidas.

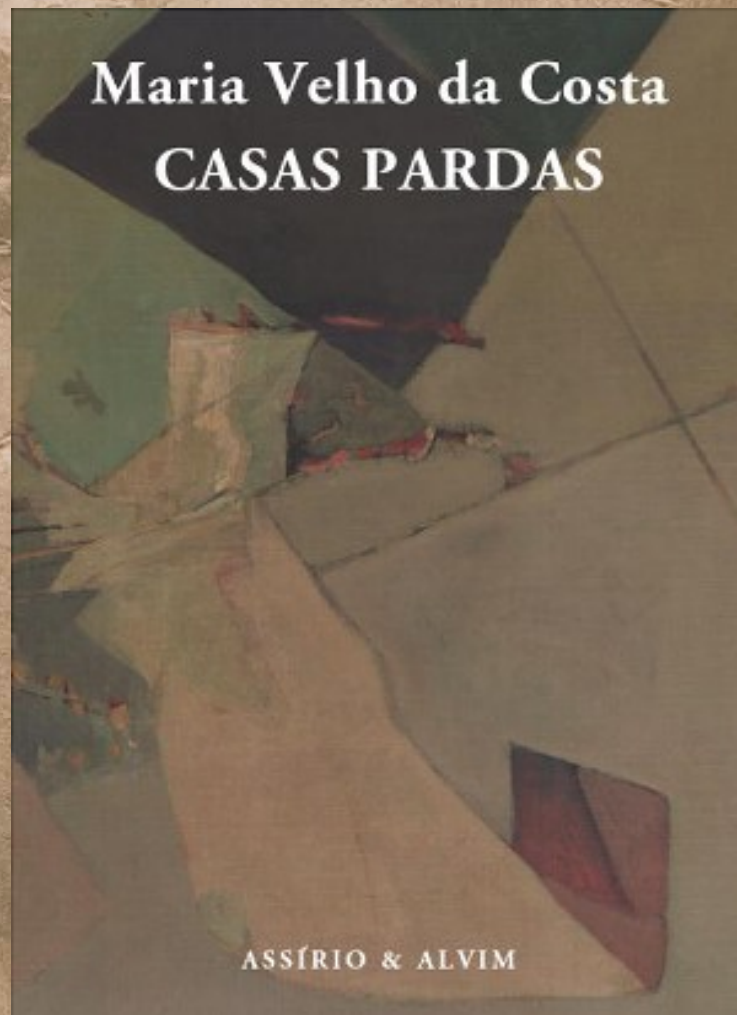
“Não é a dor que enlouquece,
é de não querer lembrar a dor”.

MARIA VELHO DA COSTA

Poemas

MAIO

trabalho, luta



(*)

A escritora Maria de Fátima de Bívar Velho da Costa nasceu em 26 de Junho de 1938, na cidade de Lisboa, célebre por ser uma das autoras da obra "*Novas Cartas Portuguesas* (1972)" que desafiou a ditadura de Salazar. Desempenhou vários cargos na cultura e escreveu também roteiros para cinema. Entre suas obras se destacam "*Maina Mendes*" (1969), "*Irene ou o Contrato Social*" (2000) e "*Myra*" (2008). Recebeu o prêmio Camões em 2002.

(Sobre) Viver

Valdenia Silva

Para não sucumbir ante o caos
criminosamente plantado
escrevo teimosa escrevo.
Apego-me à palavra resistência
como uma sobrevivente
em busca da luz no fim do túnel
após o rolar das pedras na escala 7,5.

Cato o substantivo amor no lixão lexical
onde também foram descartadas
a humanidade e a tolerância.
Luto para que não nos falte
a liberdade, pão nosso de cada dia.

Da minha janela busco a esperança
já posta na fila do fuzilamento
"Tá lá o corpo estendido no chão"
Sobre viver em meio à pandemia
com oito pessoas no barraco
o menino teria muito para contar.
Ninguém nada lhe perguntou.

Sirenes cortam o silêncio
números crescem
nomes desaparecem.
Não sei quando tudo isso acaba
sei apenas que sem a esperança
qualquer plano de vida morre cedo.

Eles combinaram de nos matar,
mas combinamos de NÃO MORRER.

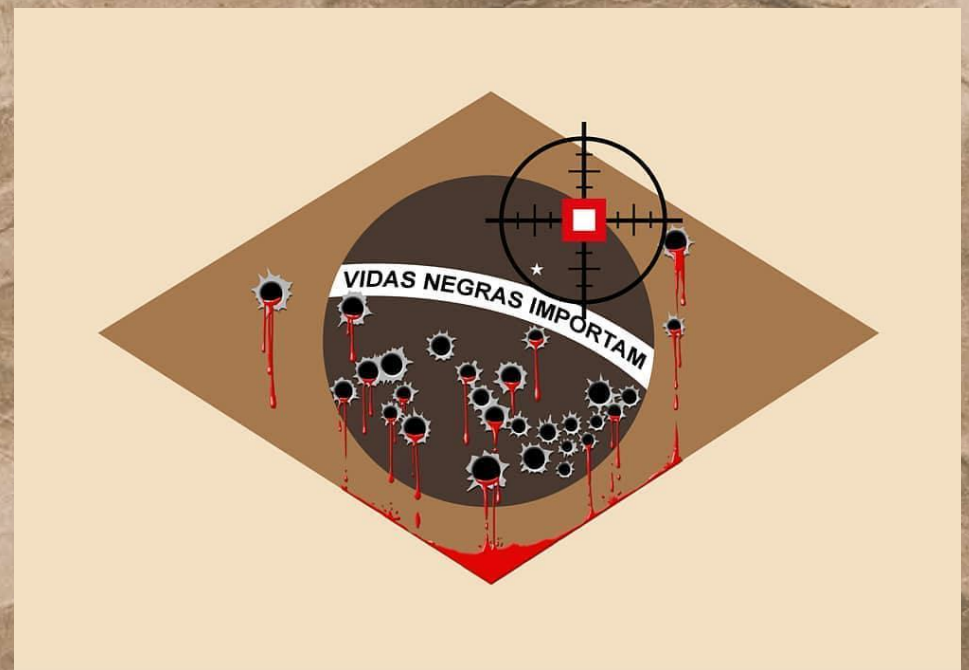
[Conceição Evaristo]



Sem Dó e Sem Piedade: 80 Tiros.

Quem responderá pelos crimes do estado brasileiro?
Em tempos de guerra, em tempos de fome, em tempos de
desalento. Quem acalantarás tantas mulheres, filhas, filhos,
mães, pais, avós, avós, amigas, amigos?
O cotidiano banaliza as mortes.
Os crimes? Não importam. Não importam crianças, jovens,
velhas e velhos. Nada importa.
Limpa o sangue, quem mata sorri e justifica.
Eram bandos, bandidos que também não são ninguém e
assim vão aterrorizando, subjugando e transformando
cada canto sem sossego, sem esperança.
Preta, preto, pobre, da periferia, somos todas e todos
ninguém.
Resistir é preciso.

Link para o "Ato Pelas Nossas Famílias. #80tiros":
https://www.facebook.com/events/339735966671702/?active_tab=discussion



Arte: Angelo Arede / Design Ativista

Preta solidão

Ângela de Souza

É Drummond...

“Há muita sede no país”

e é preciso entendê-la cedo.

Há no Brasil uma cruel farsa

que Preta nem gente é.

Então a moça que é branca

em seu apartamento de luxo

vive recebendo e contribuindo

ações racistas como cidadã de bem.

Há pouco trabalho no país

é preciso escravizar os mais pobres.

Sua pele, suas mãos calejadas

e seus cabelos vão falando às pessoas insones

que alguém precisa passear com seu pet.

Alguém

sim, dona sinhá, uma

Pessoa

vinda do subúrbio e traz seu medo.

Medo da fome, medo do vírus.

O país não pode parar.

Nem a morte de irmãs e irmãos na luta

cotidiana da cidade, é o que nos parece.

Na mão a pet de luxo

não pode ser adestrada a fazer

as coisas em casa.

Nem o filho

com 5 anos de idade

que mal sabe o conceito de racismo

apesar de o sentir todos os dias em sua

pele o peso algoz dessa palavra.

E já que tem estigma, o corpo negro

vai deixando a vida à beira

do luxo sustentado nos ombros

de sua mãe e de sua avó.

Só mercadoria.

E como os elevadores que segregam

também abafasse o preconceito

que assiste ao nigercídio
desimpedidos em nosso tempo,
passemos por esse viaduto,
peguemos o transporte público lotado,
depositemos nosso sangue...
E não zoemos, é lógico,
que zoadá nada resolve...

Escravizada doméstica tão gentil
de caminhada breve e eficaz
“é preciso não magoar a sinhá”.
É possível que algum boato sempre se faz:
decisão errada,
porta aberta pela branca,
elevador liberado pela adulta,
criança sozinha em ascensor,
tombo da morte,
mãe em prantos sem chão sem filho sem emprego.

E há perpetuamente uma sinhá/um sinhô que desperta,

esturra #vidasnegrasimportam por 24 h
num status e adormece novamente.

Os gritos de dor de uma Mãe Preta
cortam o silêncio vaidoso perverso burguês
do condomínio à beira mar.

O corpo agonizante na mão,
em pânico, não quis saber de mais nada.
O vírus que mata
de doença de fome de injustiça.
Preto? se pega com negligência.
A repulsão no condomínio opulente extinguiu a vida de mais um Preto.
(até quando???)
Se será sorridente, se será feliz,
se será diplomado, se será bom profissional,
se seria livre,
não sei,
é atrasado para saber.
“E agora, José?”

RACISMO ESTRUTURAL



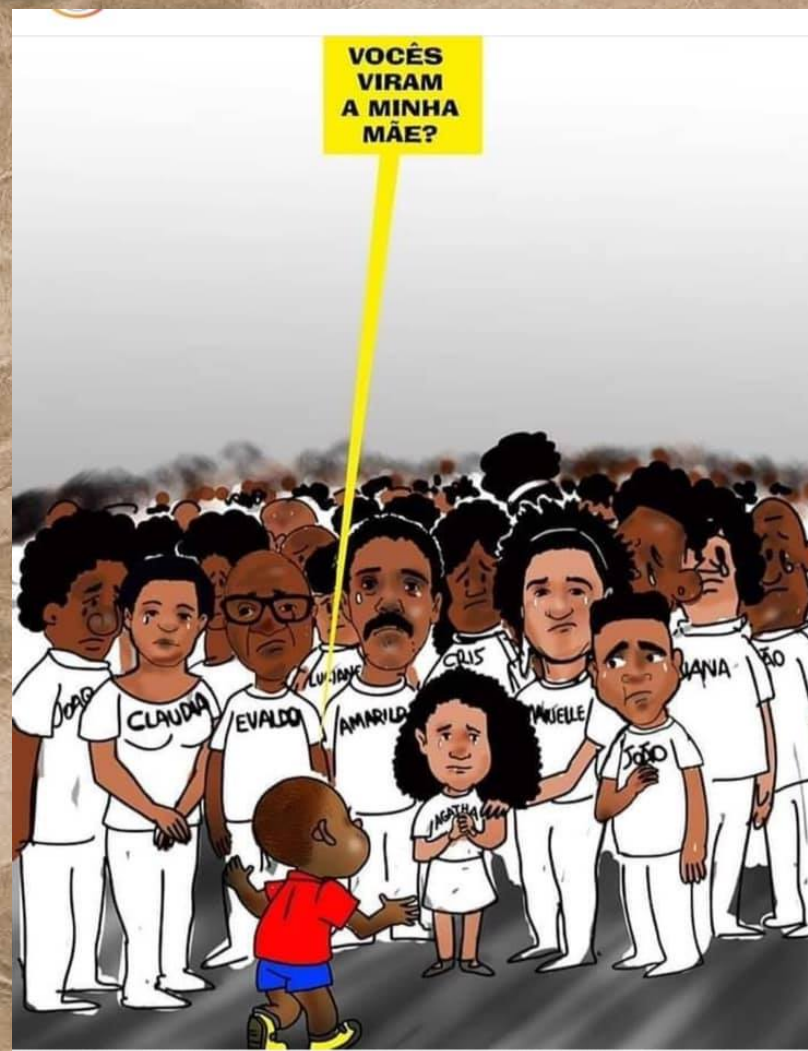


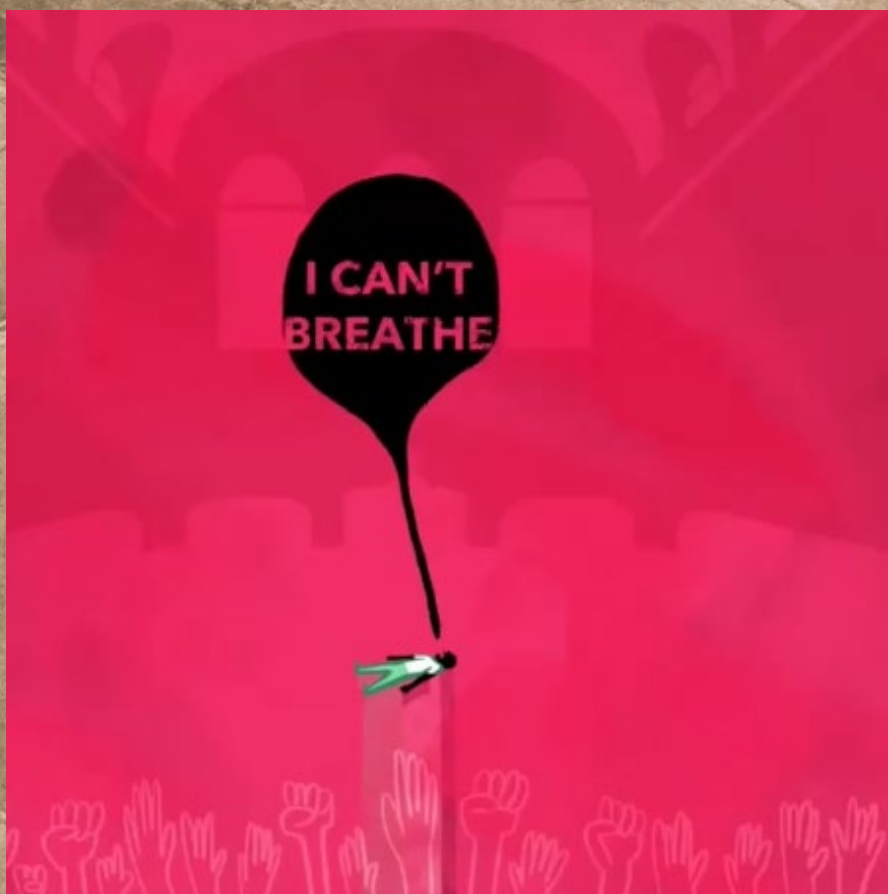
Miguel, meu amado anjinho
Que triste e cruel caminho
Deu-te a senhora maldade
Com seu dourado cabelo
A ignorar o apelo
Calou teu choro e a saudade
Dói, maltrata e me aniquila
Hoje a minha fé vacila
Nessa tal "humanidade"
Fosse filho da patroa
Dessa gente "ordeira e boa"
Quanta solidariedade...
Vai, belo arcanjo menino
Parte a cumprir vil destino
Que a conjuntura te deu
Hoje você é manchete
Notícia na Internet
Que amanhã já te esqueceu.

Lulu Lacerda

Mãe, eu só queria passear com o cachorro também. Mas essa sociedade nos distanciou e daqui de cima gritei teu nome em vão. Quantos voos antes desse último já haviam nos vitimado? Quantos brancos em suas janelas e sacadas assistiram ao meu adeus sem que eu pudesse dizer a ti e a eles que eu só queria crescer? Hoje o meu corpo pequeno se estendeu nesse chão enorme que será pisado amanhã pelo salto de grife que não me alertou sobre o voo mortal daqueles que ainda não sabem da vida e da Física.

LÚCIA COSTA





No despertar do dia
Vi minha face num espelho
Percebi em meus olhos de menina
Uma tristeza crescida pelo temor do cárcere
Coloquei a máscara da esperança
E assim mesmo sou alvo do desviver
O Estado é autor de injustiça
Eu sou uma personagem
Vítima
Destroço da guerra
Reclamo pela vontade de viver.

VICTHÓRIA CRISTHIÊNE



LARO



SILVA

@laromoonart



“A dor coloca no peito uma
fogueira acesa e no rosto
das vítimas aquela máscara
inexpressiva que parece pranto
que parece prece ou pesar”.

ÀS VEZES PENSO

Às vezes penso que já morri
De tanta coisa que sofri
Às vezes penso que o sol se apagou
E me espanto quando vejo o sol raiar

Às vezes penso que o mundo já se apagou
Foram tantas as lágrimas que eu chorei
São tantos corpos de irmãos que enterrei
De tanto chicote acabaram por morrer

Quando sinto tanta solidão na alma
Às vezes penso que Deus não está no céu
Às vezes penso que as estrelas se apagaram
Mas me espanto quando vejo o céu brilhar

Agora penso que um novo mundo vai nascer
Tanto sofrimento, resisti e resistirei
Às vezes penso que o mundo será melhor
E por ele lutarei por toda a eternidade

PAULINA CHIZIANE



Quilombo Lagoa da Pedra – Tocantins – Brasi



Foto: Maria Aparecida de Matos



Quilombo Lagoa da Pedra – Tocantins – Brasil



Foto: Maria Aparecida de Matos



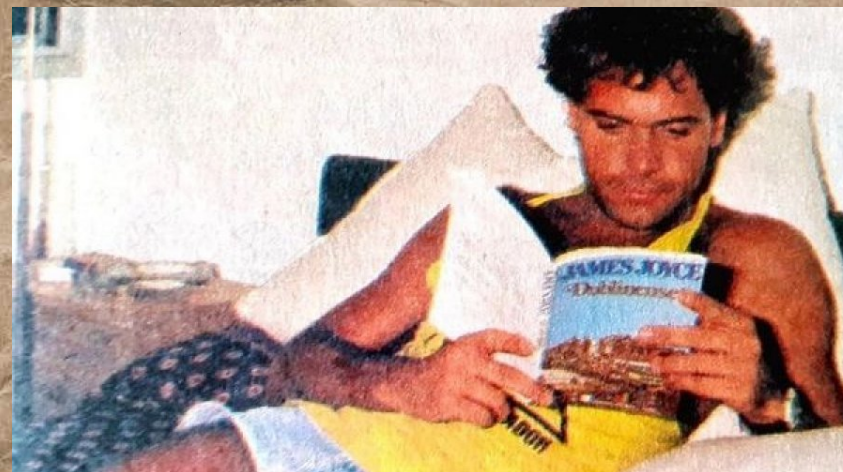
Reprodução da internet – Foto divulgação

40 Tenas

Tom Zé

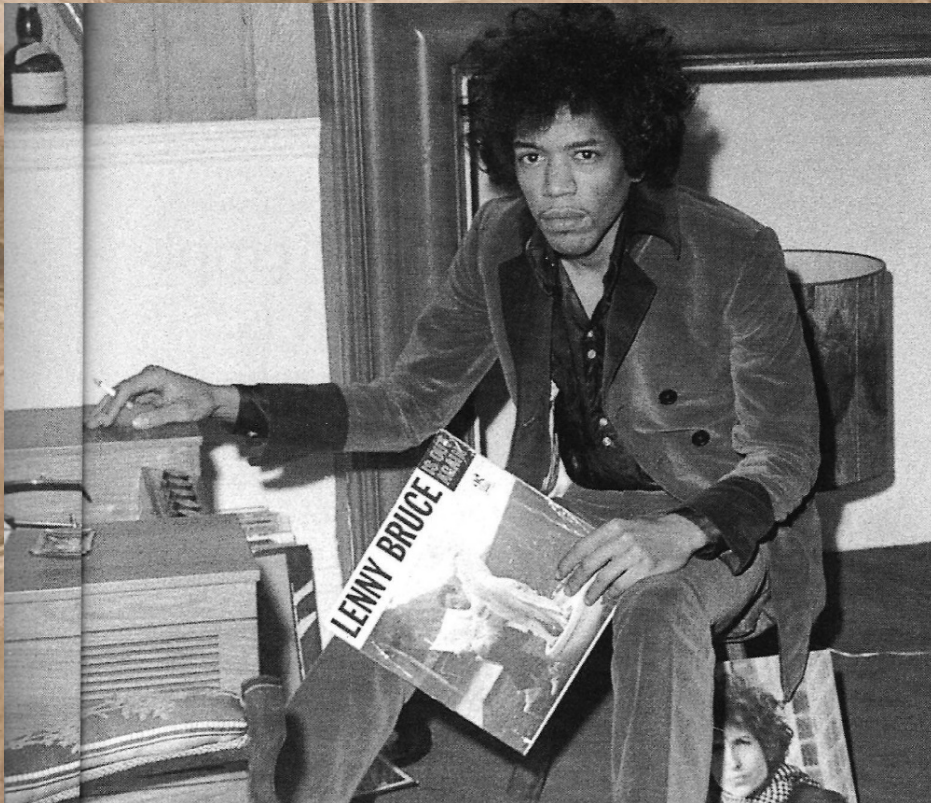
Oh, baby, não chore
Foi apenas um corte
A vida é bem mais perigosa do que a morte

CAZUZA



Eu vi a cara da morte

E ela estava viva



Reprodução da internet – Foto divulgação

Bicho,
fique em c'asa

E DAÍ!?

Falta hospital

Vaga

Falta respirador

Ar

Falta transporte

Resgate

Falta energia

Luz

Falta governo

Humanidade

E aí se morre

E daí!?

Fica a morte

Fica a dor

Fica o desprezo

Fica a vergonha

Fica a insensatez

Perversidade

E mais uma vez

Desrespeito

Ética não tem

E daí!?

[Rose Lima]



Reprodução da internet – Foto divulgação

Cobra

[Muralista]

Passado esse duplo pesadelo, quero acordar de manhã, ir dar as minhas aulas, voltar para casa e ser eu mesma até não poder mais. Ai que saudade de mim. O Brasil não tem nos dado trégua, não tem nos deixado cuidar de nossas próprias vidas. Acordamos já açodados pelo pesadelo federal, passamos o dia açoitados pelo pesadelo sanitário, e adormecemos mergulhados no pesadelo midiática de todas as telas e remotos e reuniões e *lives* e celebridades fugazes.

Fátima Costa

[Poeta & Filósofa]

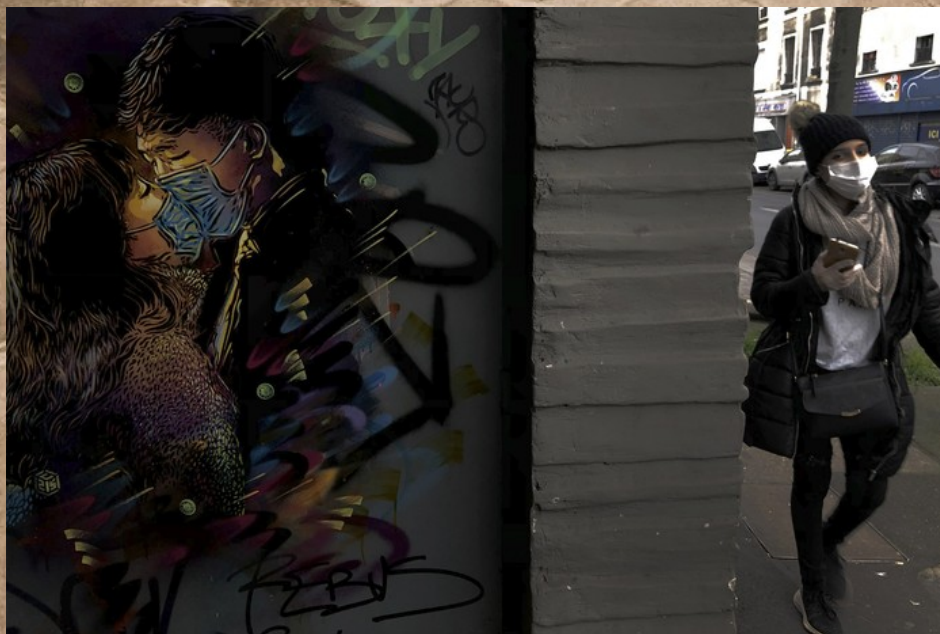


Foto: Christophe Ena/AP

“Amor em tempos de coronavírus”, obra do artista C25, em um muro de Lvrý-Sur-Seine, perto de Paris.

NÃO ME CONVID

Sem convite
sem carona
sem máscara focinheira
ontem fugi de casa
fui namorar a Lua
em Sagitário
No Morro do Careca
Ponta Negra fazia dreads

COM-VIDA 20

pra Leo Lispector

Tudo vale a pena
se a máscara
não é pequena
(?)

[Tânia Lima]



Trabalho de Pony Wave. Foto: Étienne Laurent/EPA



Foto Antonello Veneri – AFP – Colabor

1

para singrar esta clausura
um barquinho de papel
atravessa os mares da loucura

2

lavoura moderna
joeirar as palavras
ao vento

3

artesanato de gravetos
o ninho da rolinha
a casa do poeta

4

DEVIR DE CASA

Para Tânia Lima

Nossa professora também achava o estudo
a coisa mais fina do mundo.
A coisa mais fina do mundo é o moribundo.

[4 Poemas de Malu B.]

Era e sempre será sinônimo de amor

Uma caneta que não escreve mais, lá se foi o poeta da barra funda escrever em outras paragens. Sempre abria aquele sorriso inigualável. O artista que soube fundir movimento, tempo e luz. O carnaval em pessoa. Ela amou a vida. A formatura da sua neta conseguiu lhe tirar um sorriso discreto. Um homem que contava os dias para o seu aniversário. Onde ela estava, a alegria e a música entravam junto. Um dia vamos viajar todos juntos, aquela praia linda e a gente tomando uma cerveja. Uma mulher marcante. Quando a esposa estava triste ele dançava bolero para animá-la. Sempre dizia se assim Deus permitir. Era e sempre será sinônimo de amor [...]

As dez mil histórias na capa do jornal me dizem que quando a gente acaba, fica só a lembrança que deixa no outro. E depois a lembrança acaba, também. E é assim que sempre foi. E eu, que sou ainda viva, em meu enclausuramento privilegiado, parece que estou me tornando também uma lembrança para mim

mesma. O que a gente é quando o único mundo que conhecemos já não existe? Será que a gente ainda é?

O presente tem me sido somente a especulação do futuro e a memória, que é a suposição do passado. Um passado que já parece outra vida porque ele está em uma língua que já não falamos mais. É língua morta, mortíssima. Não dá nem para reconstruir. Precisamos de uma língua nova.

Agora, há apenas o silêncio. Mas o silêncio também é signo. E ele quer ser ouvido.

Mesmo assim, sem língua, numa vida-sombra de algo que nem sei mais o que é ou será, contínuo. Porque há também um depois. E eu vivi muito pouco, não sei se tive tempo de deixar a lembrança no outro. Além disso, preciso achar a poesia. Perdi ela em algum lugar. Amanhã vou comprar um vinho para eu ver se a encontro.

Mariana Eufrasino (mariana.eufrasino@outlook.com)



Nós lhe víamos vagueando nos passeios, com seus passinhos curtos, quase juntos. Nos jardins, ela se entretinha: falava com as estátuas. Das doenças que sofria essa era a pior. Tudo o resto que ela fazia eram coisas de silêncio escondido, ninguém via nem ouvia. Mas palavrear com estátuas, isso não, ninguém podia aceitar. Porque a alma que ela punha nessas conversas chegava mesmo de assustar. Ela queria curar a cicatriz das pedras? Com maternal inclinação, consolava cada estátua:

- Deixa, eu te limpo. Vou tirar esse sujo, é sujo deles.

MIA COUTO, in Rosa Caramela

Primeira Elegia - A casa de meu Pai

A casa de meu pai é meu país, quantas casas tenho na casa de meu pai? São múltiplas as minhas moradas, mas só numa eu pude crescer para dentro

Aí olhei o universo pela primeira vez e cotejei estrelas, acautelei meus pés do deambular das surucucus, ajeitei meu sorriso e minha sensualidade índica,

Travesti-me de uma capulana vermelha, amarela, laranja

Aninhada na esteira de sonhos intermináveis

Pressenti a guerra, tiros, as surdas vozes das montanhas da Angónia, o latejar das faces enrugadas das velhas senhoras com os seios descaídos da sua maternidade dadivosa

As crianças às costas em afecto de transportes ninados belecados,

o olhar à boca das minas relampejando corpos mutilados

A morte couraçada nos carrinhos de bebês improvisados que tropeçavam pela lama dos caminhos

Eu fui testemunha da tragédia obscena e do sonho de paz na guerra que o norte em seus imbondeiros altos gritava em silêncio

Eu acompanhei as máscaras do nhyau que entraram na minha casa pelas noites de longas histórias narradas em nhungué e as hienas com os olhos relampejando de medo paravam olhando o mais interior de mim

Rosnando quietas paradas avançando pela estrada pelo meu caminho rondando

hienas hienas

Transformando-se em homens, dançando, saltando em choque de energias e xicumbos poema da minha infância distante

Estavam lá, aqui, nas muitas casas do meu pai, do meu país.

ANA MAFALDA LEITE



PAULINA
ALEXANDRA

Segunda Elegia - Nelson&Virgílio

Agora que partiste Virgílio, um dia depois de Nelson Mandela, quero homenagear a humanidade de uma negra azul nascida de um desejo de democrática raiz na nossa terra independentemente de origem classe ou raça

de um verso livre e de um voto para todos que no coração dos homens Nelson plantou, homem do mundo do seu Soweto e nosso planeta universal!

Quero saudar-te nele, Lemos, poeta de Ibo a Paris, lembrando os laços multiplicados entre todos os lugares e homens! E em ti Madiba, pai do nosso sul

no centro do mundo ambos lutando de formas tão diversas pela liberdade: o mundo em arco-íris de fraterna e solidária irmandade está repleto de vossos poemas maravilhosos.

Grandes homens são sempre poetas e lançam esta ponte ao pensamento:

dai-nos a humildade de sermos maiores do que a injustiça da segregação, dai-nos a aprendizagem do amor e que em todos caiba essa pequena benção maior

de olharmos a nossa terra solidária nos afectos na emoção e no exemplo

que Nelson ou que também Virgílio, ou que Virgílio nelsonhando

trazia em si

que o Virgílio que Nelson habitava, o poeta, ou que Nelson sonhando morou em Virgílios.

Amor entre os homens na australírica dos seus, nossos, desejos eternamente!

Nelson&Lemos juntos no verso desdobrado de quinta para sexta, cinco e seis de dezembro, ao partir não partirão nunca

deixando no coração dos homens a paz em chama acesa de um poema interminável

Que juntos, de tão diversos, mas ambos poetas, se sentem à direita de deus!

Ana Mafalda Leite



Foto Virginia Mayo – AP



Reprodução da internet – Foto divulgação

Se a literatura é saúde, se o escritor é antes o médico, do que o doente, o médico de si e do mundo, é porque goza, apesar de tudo, dessa frágil saúde irresistível que lhe permite a fábula liberadora de uma outra língua no interior da língua materna, uma espécie de língua estrangeira, uma minoração dessa língua maior.

Deleuze, in *Crítica & Clínica*

Onde há dança

Ela chegou para imaginar
Mas já estava tudo imaginado

O ministro pulou do barco
O presidente fugiu da gripezinha
O dono do mercado pediu a volta de outros tempos

Intervenção

A mosca pousou na sopa
A chuva caiu mais grossa
A flor furou o asfalto

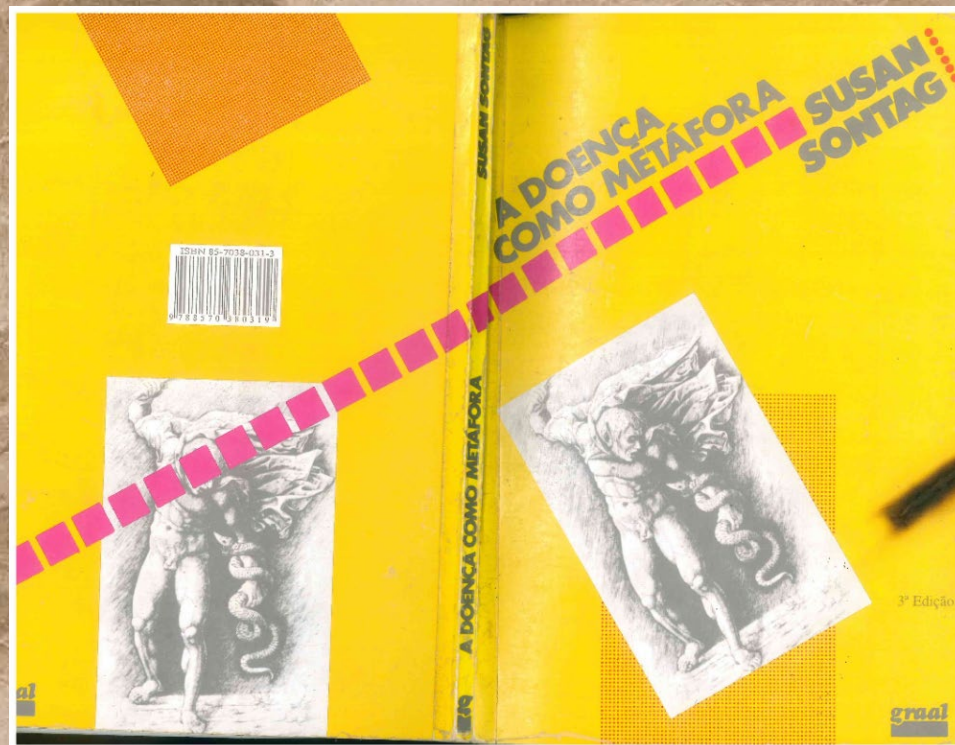
Ela tirou os sapatos
Começou a dançar

[Larissa Sarmento]

“Os sentimentos relacionados com o mal são projetados numa doença. E a doença (assim enriquecida de significados) é projetada no mundo”.

Susan Sontag

A doença como metáfora.



JUSTIÇA

*Guilherme Henrique

A oportunidade se fez. O homem derrubado – um prêmio, uma conquista. Ninguém teve tempo de captar o olhar, o gesto, a angústia. Alguém tossiu no entorno.

A chance se constituiu. O sujeito arreado – sobre a cabeça, um pé furioso. O suor pingou na pele como a justa recompensa que lhe cabia. Lembrou do culto do domingo passado: na cruz, o Salvador implorou por água e lhe deram vinagre. O Salvador pereceu ao lado de bandidos. Como um. Como ele.

O momento se constituiu. O indivíduo surpreendido em flagrante. Era justo que se fizesse o devido. Não se lhe poupariam pedaços da pele, dos dentes, dos ossos das pernas finas e pretas. Cada um colhe o que planta, lembrou da mãe, a boca aberta, babando sob o peso do tênis do outro; lembrou da mãe, o ninho que era o seu colo. Agora, apesar do grupo, a solidão se fazia como a

noite que avança implacável sobre a luz. O suor do outro lhe escorreu sobre o lábio ensanguentado e misturou-se, suor e sangue, à baba que se acumulava rente às pedras do calçamento da rua.

O instante se avultou como a única certeza para o grupo. O meliante justificado pela comunidade de bem. O homem de bem. O cidadão. O choro lhe subiu pelos nervos. Não era medo, mas ódio; pudesse, faria pior. Escondeu a água dos olhos, como se quisesse esconder-se a si próprio. Tentou se enrolar no ódio e na vergonha, mas cada movimento era inútil. Daquela perspectiva, via pernas e pés. Muitos gritos, nenhuma sirene. Sozinho, embora houvesse a presença da multidão. Sozinho como o Salvador do culto no momento da paixão. Também sem a mãe, mais uma vez sem o pai. O primeiro chute quebrou-lhe duas costelas.

*[24 dezembros, natalense, formado em Letras, retorce as palavras há muito. Nas horas de labor, é professor; nas horas de descuido, lê poemas, cuida de plantas e, de vez em quando, escreve]



Jesus Da Goiabeira
@da_goiabeira

O maior perigo nessa pandemia são
pessoas com baixa humanidade.



SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO

Luciano Dídimo

O louco é político?
O louco é poeta?
O político é louco?

A loucura é política?

A loucura é poética?
A política é louca?

De político e louco,
Todo poeta tem um pouco.

De poeta e político,
Todo louco tem pouco.

De louco e poeta,

O político não tem nada.
Ele é muito é do sabido.

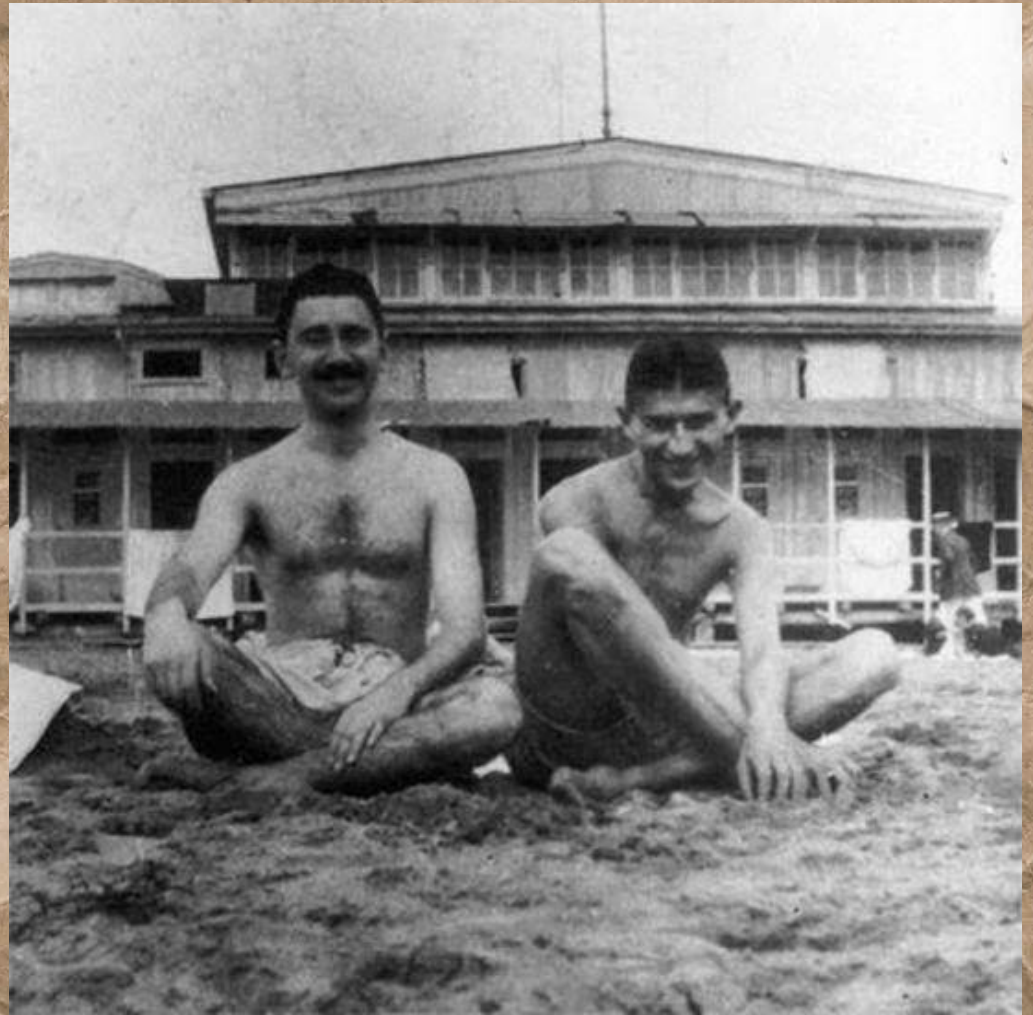
Mas nem todos.
Uns menos e outros mais.

E outros, ainda,
Muito, muito mais!

Quero ver é o papoco!

Não é necessário sair de casa. Permaneça em sua mesa e ouça. Não apenas ouça, mas espere. Não apenas espere, mas fique sozinho em silêncio. Então o mundo se apresentará desmascarado.

Franz Kafka



Reprodução da internet – Foto divulgação

19/03/2003

Luiz Valverde

E quando cair a máscara será um tempo muito inseguro

Devassem com a luz

ao que invade e faz pouco da memória.

Escuridão.

Violência é toda a quebra

do discurso possível,

é a incursão no arbítrio,

pente fino nas ilusões.

É o delírio, afirmação unívoca

devassando a multiplicidade,

não para dizer saudade,

que nunca, a ti não mais direi,

mas para deixar claro

que o mundo depenado, amor,

é digno de pena.

Um monstro chamado homem ante sua vítima,

como Eu sorvendo tua fé e mais, Menina

igual àqueles que vendem até, Em Nome do Pai,

cantiga de ninar crianças aonde a infâmia.

Em si vendo, impossível acreditar,

a usura das nações é um vento forte.

Veja que há dor e ódio,

Eu tento devassar a integridade do teu sonho,

Menina. É um estigma

ter de aprisionar os teus encantos,

sorver a flor, calar-te em teus prantos.

Tenho o arbítrio, Eu sou o mais forte.

Assim, rasgo tuas vestes

e que deus há de nos salvar.

O estupro das nações

é um namoro intenso,

sem medida na ética

que não seja a dos possuidores,

Petróleo árduo, pentelho em ti

irei arrancar à garra.

Trata de sucumbir, a via sábia,

e calar-me a consciência.

Traída, direi que foi febre,

em nome de Deus.

Direi que foi peste calada,

como se cala a insubmissão.

Há hitleres de mascar chiclete

ativando lucubrações no ar, pousando de mártires,

como Eu em você no seu martírio.

Eu, o déspota aguerrido, fazendo o sacrifício,

no teu gemido, purificado e salvo,

a consciência lavada nas enxurradas

da propaganda, que me deixa à tona

do meu mundo sonhado, e fazendo água.

() Poema escrito na véspera da invasão americana do Iraque, em 20 de março de 2003, uma cultura milenar estuprada, tendo como fundamentação uma mentira, a posse por Saddam Hussein de armas químicas e biológicas.*

"O vírus é a doença
O capitalismo é a pandemia"



BRASÍLIA AOS NOSSOS PÉS

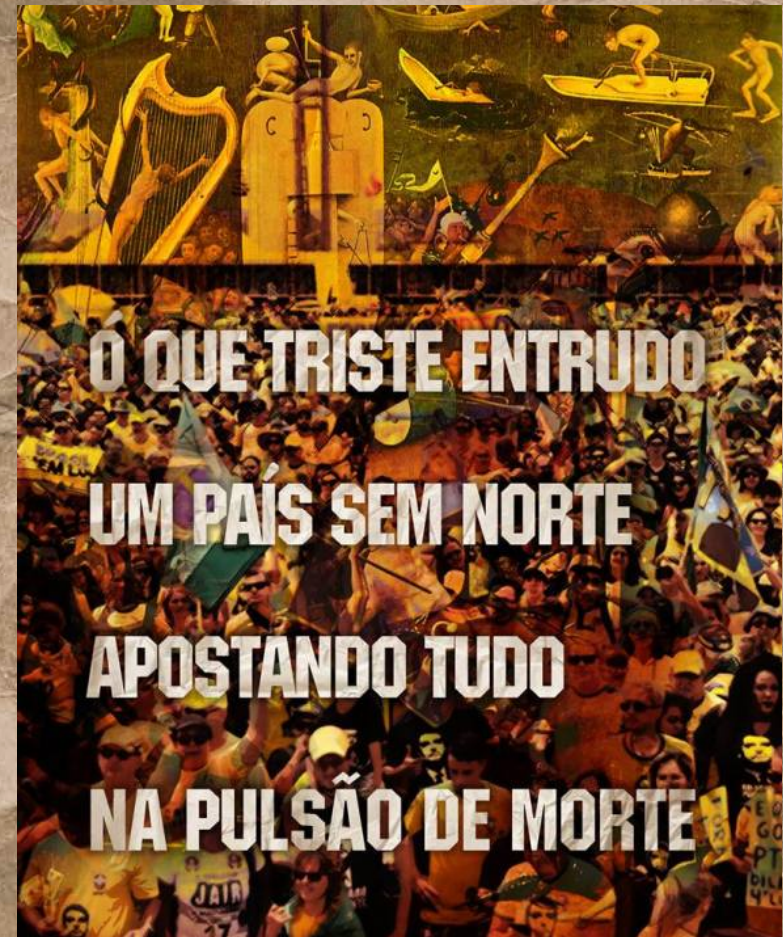
Vontade de pisar
nos políticos do Brasil
descobrir em que geração
trocaram a civilização
pela barbárie.

Vontade de escutar o coração
dos políticos do Brasil
descobrir em que átrio
ventrículo se esconde
a humanidade.
Vontade de mudar
o circuito neuronal
dos políticos do Brasil
fazer novas e mais justas
ligações.

Em Brasília, sei em que asa
se escondem
e em quantos lotes e malas
planejam seu universo particular.

Vontade que a minha vontade
fosse a de todos os brasileiros!

[Valdenides Cabral]



O INVASOR NA PANDE_MIA

VALÉRIA REGINA DALLEGRAVE

No início do dia, saio no quintal e chamo a Dulce, que anda com mania de ir atrás da casa pegar sol de manhã. Ela vem correndo e logo começa a latir para uma árvore na frente da casa. Lá estava um gato, pouco acima da altura do meu olhar. Um siamesinho. Dava para ver que era um filhotão, um pré-adolescente. Meu primeiro pensamento, indignado, foi: jogaram mais um gato aqui! Mas aí lembrei que a vizinha de trás tinha um filhote siamês e senti um certo alívio. Era ele, sem dúvida, a testar sua capacidade de escalar muros e invadir quintais em plena pandemia... Dulce, a guardiã da casa, latiu enfurecida, e o gatinho subiu, subiu, subiu até o alto do último galho da árvore. A encrinca estava formada. Prendi a Dulce e fui recolhendo a gataiada, que estava na hora do passeio permitido, supervisionado, pelo quintal. Alguns já queriam ir conferir o visitante inesperado, e isso ia complicar mais ainda as coisas. Feito isso, avisei ao gatinho que tudo estava bem e já poderia descer. Lembrei quantas vezes um dos meus gatos sumiu durante o dia inteiro, talvez esperando o momento de fugir de uma encrinca parecida.

Ele estava bem no alto, era difícil enxergá-lo, uma mancha em meio as pequenas flores brancas. Balançando no galho ao vento, parecia até confortável, e pensei que as gentes vão à parques de diversão para fazer o que os gatos fazem normalmente...

Fui ajeitando as coisas em casa e, depois de um certo tempo, vi que ele já havia descido um bocado pela árvore, estava a quase dois metros do chão. Foi aí que ouvi a vizinha me chamar da rua, perguntando pelo gato. Expliquei que estava na árvore, já descendo, mas ela não sossegou. Queria que eu a deixasse entrar para pegá-lo. Eu, obedecendo quarentena, mal chegando ao portão para receber entregadores, achei aquilo totalmente desnecessário. O gatinho já estava quase saindo, e na altura em que parou, ela não o alcançaria.

- A Dulce o assustou, mas agora está presa dentro de casa, ele vai se sentir seguro e descer da árvore.

- Ah, ele está assustado, pobrezinho! É só um filhote!

Eu pensei que os pais nunca notam o quanto os filhos estão crescendo, mas tentei tranquilizá-la. Dona Socorro sempre foi muito gentil comigo. Na época em que meus gatos viviam fugindo, me via passar em frente a sua casa e dava alguma notícia deles. Eram nosso tema de conversas: gatos.

- Dona Socorro, a senhora sabe que eu entendo de gato. Daqui a pouco ele vai descer, fica tranquila. A senhora sabe onde ele está, está seguro aqui.

- Mas ele está desde ontem a noite sem comer nem

beber água. Dê um jeito de o assustar para ele descer!

- Mas aí ele pode subir mais ainda!
- Luan, Luan, Luan...

Ela começou uma cantilena carinhosa e triste, chamando o gatinho. Ao seu lado, logo apareceu um homem, seu filho ou sobrinho – eu os via pelas frestas do portão. Ele, de máscara, com toda a segurança e autoridade da sua macheza, foi taxativo:

- A senhora abre aqui para mim, eu entro, pego o gato e pronto.
- Estamos no meio de uma pandemia, não vou deixar você entrar.

Ao que ele responde, irritado, como se resolvesse tudo:

- Eu estou de máscara! Me deixe entrar, que eu pego o gato!
- Ele vai tentar fugir para o alto da árvore de novo, vocês não viram a altura em que estava antes. Além do mais, você também não vai alcançá-lo onde está agora.
- Eu entro, subo na árvore e o pego!
- Mas eu não quero que você suba na minha árvore!
- A senhora gosta de bichos, sempre tratamos bem os seus gatos, e agora está maltratando-o!
- Eu não o estou maltratando!
- Está sim, ele está assustado, é só um filhote!
- Não tem motivo para todo esse stress, gente! Ele já

desce! Se não descer até a noite...

Uma voz feminina mais jovem surge então, do lado de lá do muro, indignada.

- Até a noite!??? Oras!

Na construção em frente, um homem olha na direção da minha casa, para ver o que estava acontecendo. Percebi que havia um pequeno grupo unindo-se na revolta contra mim, considerada por eles “aquela que maltrata os gatos alheios” – como é bom ter outra pessoa para culpar nas situações difíceis, não é!?

- Luan, Luan, Luan...

O homem que me acusou de estar maltratando o gatinho enfia uma taquara comprida por cima do muro, para tentar derrubá-lo da árvore. Eu protesto:

- Agora você o está assustando mesmo!

Ele retira a taquara. Dona Socorro conclama os seus a voltar para casa. O grupo de choque se dispersa. Ela fica.

- Luan, Luan, Luan...
- Dona Socorro, se acalme, ele está seguro aqui. Mas precisa aprender uma lição, senão outro dia é capaz de ir para a casa de alguém que não vai prender o cachorro...

Silêncio do outro lado do muro. Vou buscar um patê para gatos no refrigerador e tento atrair Luan. Ele hesita. Dá para ver que quer provar o patê, mas ainda não tem coragem de descer. Deixo o pote no chão. Entro para lavar a louça,

penso um pouco, saio e pego o patê de volta. Os adestradores dizem que se você der um petisco para um bicho quando está fazendo algo errado, ele vai repetir isso no dia seguinte, para ganhar de novo o “prêmio”. Qualquer um faria isso, não!? Então nada de patê, não quero novas visitas do Luan.

Um amigo, com quem converso via whatsapp, me sugere resolver logo a situação, deixar alguém entrar para pegá-lo ou pegar eu mesma. Começo a pensar que é melhor fazer qualquer coisa para encerrar o assunto. De repente ouço o miado vir de outra direção e descubro que Luan foi da árvore para o pequeno telhado de palha da entrada da casa. Está, pelo menos, confortavelmente deitado na sombra. Decido usar a escada alta que comprei há pouco para tentar pegá-lo. No caminho para o resgate, ouço...

- Luan, Luan, Luan.
- Dona Socorro, ele foi para o telhado de palha. Vou tentar pegá-lo.
- Ele não morde, é bem mansinho, pode pegar!

Eu penso que é bem possível que não morda, mas um gato assustado pode arranhar qualquer um que se aproxime, até o dono, o que aprendi por experiência própria. Corajosamente subo na escada, que tem a altura certa, e converso um pouco com ele em tom carinhoso, para acalmá-lo. Luan parece saber que estou tentando ajudar, levanta e vem mais para perto. Com cuidado, eu o pego. Ele não me arranha, é um

gatinho bonzinho mesmo. Os meus é que são umas feras... Dona Socorro, que acompanhava tudo da rua, me orienta:

- Pode rebolar por cima do muro!
- O que!? A senhora quer que eu o jogue!?
- Pode jogar!
- Vou colocá-lo em cima do muro e vocês o pegam...
- Cuidado, ele pode pular de novo pra dentro!

Coloco Luan no muro, e ele parece não entender que deve saltar para a rua, onde sua dona o espera. Dou um empurrão no traseiro para resolver.

- Vai, encrenqueiro!

Ele finalmente salta. Dona Socorro o recebe, feliz, com todo carinho e ansiedade de uma verdadeira mãe de gato:

- Seu fi' d'uma égua!



MARINA BARROS

O SILENCIO RUIDOSO

Rosanne Araújo

As pessoas não conseguem silenciar. É o que o momento de *fingido* isolamento parece nos ensinar. Não estamos enclausurados, de fato. O telefone toca, o WhatsApp nos vigia e o Google sabe da nossa localização, dos nossos gostos, tendo acesso até mesmo a nossa subjetividade. Estamos antenados, conectados, com o mesmo ritmo acelerado de antes do início da pandemia (covid-19). Não podemos desbravar paisagens físicas, é verdade, porém nosso pensamento segue moldado, insistentemente, pela paisagem virtual que nos domina gradativamente. A ameaça da radiação 5G, prestes a se concretizar, com impactos devastadores na nossa saúde e na saúde do planeta como um todo bate à porta. Para além do corona, há

inúmeros inimigos contra os quais a humanidade vem lutando – a devastação da natureza, a desigualdade social, a falta de humanidade dos seres humanos. Somos humanos, verdadeiramente? Se sim, por que predominam a injustiça, a ganância, a intolerância, a incivilidade e a barbárie? A que ponto chegamos com tanto progresso tecnológico? Somos co-criadores do mundo a nossa volta ou decidimos destruí-lo?

Será que nem mesmo o vírus, a ameaça invisível, é capaz de despertar a humanidade do sono hipnótico? Neste confinamento permanecemos com corações inquietos e mentes ruidosas. Redes sociais e mídias gritam de toda parte, impondo a impossibilidade de parar. Não seria o tempo de silenciar e desacelerar? De fazer um balanço de nossas vidas e assumir uma atitude contemplativa e mais consciente?

Sigamos o exemplo do gato e da valorização do momento (agora). Assim como o felino que pondera o seu passo sentindo o espaço a sua volta, com

acentuada capacidade auditiva e intuitiva para perceber o perigo, nós, humanos, deveríamos reavaliar a nossa presença no mundo. Evitemos o ritmo acelerado e descompassado. Imitemos a sabedoria felina, reavaliando o nosso próximo passo, em meio a um mundo reconfigurado, uma realidade que nunca mais será a mesma – o mundo pós-pandemia.



Nino, Foto: Rosanne Bezerra

Gato Eclausurado

O silêncio da casa preenche o vazio da
companhia,
No altar, a poeira se acumula no sagrado e
no profano, me lembrando que o tempo
esquece o que já devorou,
Até o sol parece pouco, entrando nas
frestas, iluminando essa noite diária,
Esqueci como amanhecer
nesta pandemia ...

Jonathan Gomes



Foto: Jonathan Gomes



Foto: Luan Henrique

No claustro
quantas & tantas
quarentenas manhãs
mundo adentro
cinza das horas
casa-hospital
cachorrinho
até aprendeu a latir
em uma língua estrangeira:
MIAU!

[Tânia Lima]

Manifestação de cães por falta de motoqueiros nas ruas .. 🤔🤔



Ela é tão livre que um dia será presa.

- Presa por quê?

- Por excesso de liberdade.

- Mas essa liberdade é inocente?

- É. Até mesmo ingênua.

- Então por que a prisão?

- Porque a liberdade ofende.

Clarice Lispector

Controle Remoto

Ligo a TV para ouvir uma voz que não seja a minha

Eu deito, levanto e deito

Encosto a cabeça, buscando ficar mais confortável

Viro, volto para o mesmo lugar

Eu deito, levando, levanto

Mais um dia

E é bom, o dia, as gentes, é bom, é bom!

A noite, de novo

Me sinto como no começo

Faço um chá

E bebo

Sozinha

Moro com outras três pessoas

Que moram com outras duas pessoas

E tenho sempre sensação de ser só eu

Grito às paredes

E alguém pergunta que confusão é essa na rua

E é boa a rua, o quentinho do sol na pele, é bom, é bom!

No fim do dia, em casa

Faço a janta

E limpo o prato

Sozinha

Sara Rebeca



Reprodução da internet – Foto divulgação



<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/04/obra-de-banksy-em-cidade-inglesa-ganha-mascara-facial-contra-coronavirus.shtml>

Zeitgeist

Ana Beatriz de Souza Pereira

O Tempo rasteja, engatinha, fica de pé, anda, corre, toma impulso e, finalmente, voa. Recolhidos no quarto, observam da janela a lentidão do Tempo a caminhar entre as praças, entre os prédios, pelas ruas do quarteirão. Sem pressa, na medida em que perscruta tudo à volta, Ele aborrece os observadores enclausurados que lamentam o ano adiado que estão perdendo. Temendo dias piores, os espectadores da cena, em casa, sonham com um novo Tempo, de uma nova ordem, que surgirá no horizonte como um espírito novo.

Enquanto os desejos de que esse Tempo conclua seu ciclo, voando alto, alcançam o pensamento, os observadores voltam os olhares para dentro de si e notam que lhes falta força à alma. Devido a prisão da rotina, não conseguiram perceber de imediato a instalação sorrateira do enfraquecimento interior. Para se recuperar é necessário colher e se alimentar dos frutos de um lugar surpreendente: a arte.

Desde então, passaram a devorar, de maneira fervorosa e insaciável, as mais variadas formas de expressão dos movimentos culturais. Poesias, narrativas ficcionais, esculturas, pinturas e músicas passaram a se

tornar um dos bens de primeira necessidade humana. O fortalecimento do âmago transfigurou-se em auxílio para encarar a realidade emoldurada na janela de casa de modo mais resoluto, paciente.

Para alguns, o meio encontrado de alimentar a mente é considerado uma fuga da realidade, uma alienação, ao arrastar o indivíduo para dentro das páginas de um livro. No entanto, para outros, é a única solução viável para enfrentar o Tempo que insiste, perigosamente, em andar, vagaroso, lá fora.

A premissa maior, que corre insistentemente no labirinto que é a mente dos nossos observadores, é a transmutação de perspectiva ao olhar o Tempo que passa. Ainda é possível aproveitá-lo. Se alimentar, comer e beber, tirar o que há de melhor dele, quando aliado ao prazer do conhecimento e da arte. Neste instante, na janela do lar, já não se queixam do Tempo adiado. Se preparam para o novo que está por vir.



<https://br.pinterest.com/pin/19844054592293232/>

JALOO

CHUVA

Jaloo

Ar quente vai subir Ar
frio vai descer Vapor
que vem do mar
Geleiras vão derreter

O vento vai soprar
Tudo pode acontecer
As nuvens vão se condensar
E, depois, vão dissolver

Porque quando o sol aquece a Terra
Muita água se libera
E a gravidade da atmosfera
Faz pressão que nem panela

Quando vai chover bem muito Você
vem para o meu mundo
E eu te conto como acontece a chuva
E eu te conto como acontece a chuva

Chuva molha, molha, cai
Chuva chove, chove, sai
Chuva molha, molha, vem Chuva,
chuva

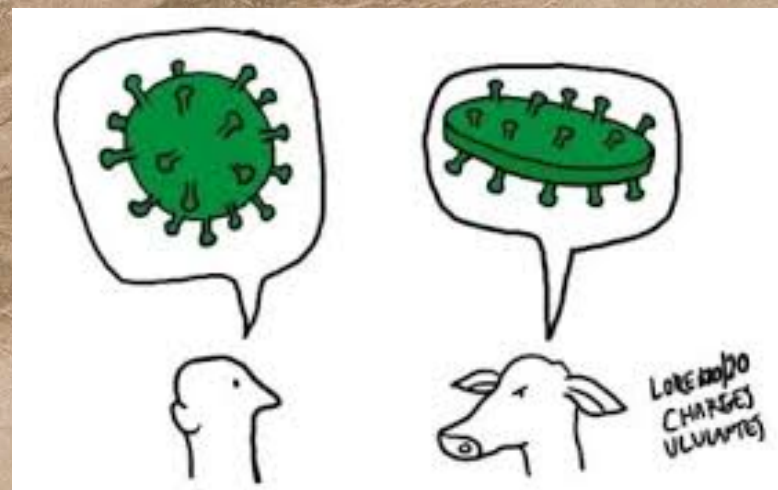
Chuva molha, molha, cai
Chuva chove, chove, sai
Chuva molha, molha, vem Chuva,
chuva

O ciclo d'água é uma dança eterna!

Oh, lua lua luar
Me leva contigo pra passear

Dentro de mim há dois cachorros; um deles é cruel e mau; ou outro é muito bom. Os dois estão sempre brigando. O que ganha a briga é aquela que eu alimento mais frequentemente

PROVÉRBO INDÍGENA





<https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2020-05/coronavirus-povos-indigenas-pan-amazonia-repam-coica-boletim.html>



Indígenas com máscaras navegam pelo rio Ariaú, a 80 quilômetros de Manaus. RICARDO OLIVEIRA / AFP

O PARAÍSO NÔMADE

(Primeiro poemescrito sobre a quarentena)

Poema de Carlos Emílio Corrêa Lima

Tenho uma tese:

Quando foi descoberta a verdade poética e científica do feng shui, que o paraíso existe, da fato, territorialmente em alguma parte da terra muito feliz do planeta, na Cachemira, em Madagascar, numa ilha do pacífico não mapeada, no alto das planuras eternas dos Andes, depois que ele fugiu da Suméria diante de cabalísticos ataques

Em algum lugar extenso, apropriado, onde espessas montanhas em forma de abraço protegem esse mesmo lugar, ou simplesmente três rios convergem num ponto de exclamação com uma ilha cantando verdores no meio

Segundo os mais velhos sábios do reino inca e das velhas confrarias chinesas de alquimistas e de migrantes ciganos, e dos índios desana do noroeste amazônico e de muitas outras tradições tribais ancestrais planetárias.

Quando esse conhecimento começou a ressurgir sub-repticiamente em muitas teses acadêmicas canções sonhos, frases soltas de bar, complexos poemas herméticos e o google de Bezzos começou a rastrear todos os indícios dessa coletiva redescoberta

Conhecimento iniciático arcaico de volta

Bem, de repente, fecharam-se as portas, toda a humanidade foi trancada, proibida de ir às praias, serras, campos, vales, várzeas, oásis, planuras

De voltar à natureza

nem mesmo podemos nos banhar nas portas líquidas do mar
Espalha-se um vírus de plástico para borrar todos os horizontes

Mas as fontes antigas não se acalmam, continuam a jorrar, a murmurar, a velha história

Suas águas dizem, é aqui, sempre foi aqui

E os pássaros mágicos que voam até lá, em suas migrações anuais, jamais serão detectados por aqueles, porque, por enquanto houver essa prisão de bilhões concentrados em terror quase total como nunca existiu na terra, nem no tempo de Herodes, quando perseguiram a sagrada família solar.

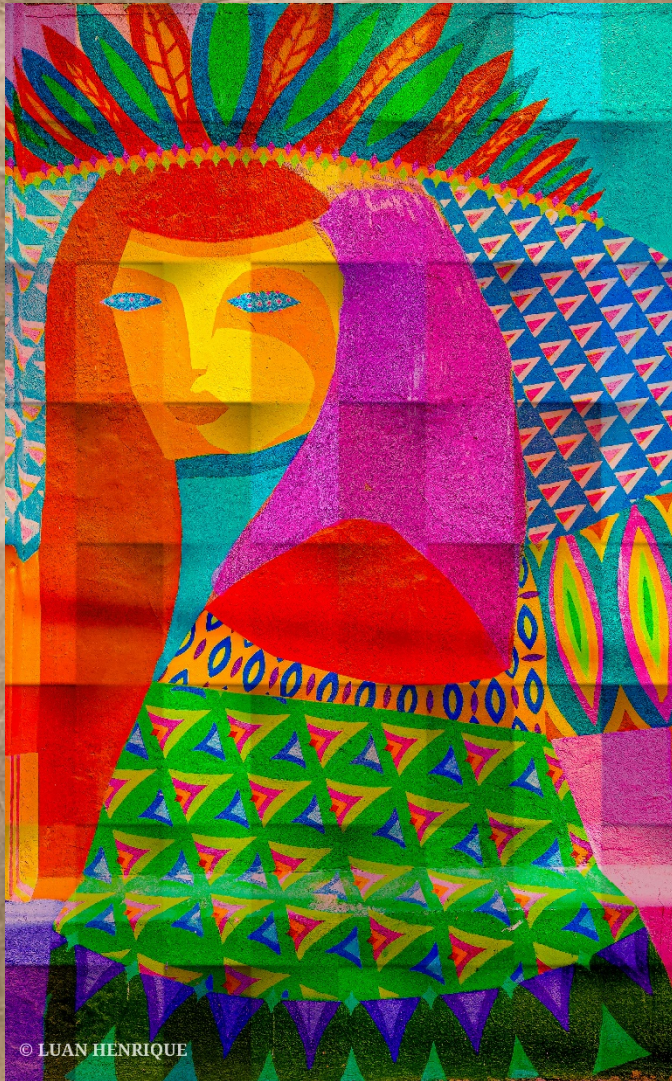
Foi que em crudelíssima polvorosa, uns poucos sedentos de tudo e possuidores sem alma que pensam de tudo e de nada sabem, trancaram toda a humanidade em seus lares, estares, para procurarem desesperadamente o que já não está, o

grande segredo da Terra, guardado pelos grandes verdadeiros amantes, avatares, homens santos, poetas secretos, Enquanto estivermos trancados vocês não encontrarão esse lugar

Abolidos os carnavais, os teatros, os bares e os lugares de dança, de arte e palrar o paraíso refluí, auto envolve-se, concentra-se, eufinca-se, transforma-se num grão Deste modo, vocês perderam definitiva e infinitamente o paraíso terrestre, o lugar onde não se morre, nem há seca velhice, onde não ocorre qualquer perda ou perdição Sim, todo o segredo é externo, está na paisagem, nos lugares, nos sítios não eletrônicos, nos territórios reencantados, no beijo

Hoje sabemos, a Deusa criadora é um lugar A alma cósmica concentra-se num lugar amoroso da terra, úmido, que nos espera há milênios Uma ilha, uma cordilheira magnética? A zona mais extremada de um continente amarelo? Na unha do Everest? Não saberão agora jamais, de nada adiantará a quarentena da humanidade. Perderam tudo com isso Enquanto estamos prisioneiros em casa nas grandes cidades da terra vocês investigam com seus drones ávidos e cegos todo o rebelde planeta em busca do lugar eternamente libertado de todos os malefícios edifícios altíssimos imensos Mas não o encontrarão mesmo jamais, nem atravessarão a placenta de névoa coral que o envolve

E o terror que nos implantam não serve pra encontrar esse lugar. pois a ação desse trancamento de toda a população da Terra provocou a mudança, a fuga do paraíso para outro lugar de tal modo que até os poucos que dele sabiam de sua localização não mais poderão, por enquanto, encontrá-lo é um grão-não do agora a terra sem males dos guaranis Vocês, com esta ação gigantesca de trancar toda a humanidade na terra, transformando as cidades em presídios de medo, por causa de um vírus de plástico lipídico que vocês mesmo fabricaram, você o perderam para sempre Pois o que interessa, e essa é grande nova notícia, é que o paraíso terrestre será encontrado inevitavelmente pelo amor que nos une, a todos os prisioneiros, num só coração, num chuvoso, fértil torrão mas somente por nós, não por vocês o coração do planeta jamais será de vocês o paraíso na Terra não será de vocês! Será nosso!



LUAN HENRIQUE

@luan.hsl



Morador da terra indígena Xakriabá, em São João das Missões (MG), que reúne cerca de 9 mil indígenas distribuídos em 38 aldeias Imagem: Edgar Kanaykô Xakriabá Etnofotografia | antropologia



<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/05/04/com-mais-de-100-infectados-indios-acompanham-visita-do-ministerio-da-saude-a-manaus-e-pedem-atencao-vidas-indigenas-importam.ghtml>

Da África e suas populações diante da evidência da pandemia do Covid-19

A repentina pandemia se impôs a nosso cotidiano com uma violência inaudita. Se diferenciando de outras com que populações lidaram, a sua forma singela nos confrontou unanimemente à fragilidade da vida.

Diante da pergunta a respeito do que levou a tal situação, as diferentes áreas de conhecimento nos fornecem evidências pertinentes complementares. Entretanto, o fato é que, embora lidemos diferentemente com a morte, cada um de acordo com a sua situação econômica e social, vemos quanto somos todos iguais diante da morte!

A consequência desta constatação é radical, se apresentando na sua forma crua: temos que ser todos iguais pois a partir dos *fula*, é pertinente chegar à conclusão de que, se a vida é um bem legítimo a cada um, se advém que uns se apoderam dos meios de sua manutenção, eles colocam os demais cidadãos empobrecidos na obrigação de lhes exigirem sua parte! (Hampâté Bâ, 1976).

O momento é solene, grave. Pé dobrado, o recolhimento tem que inspirar e há de amparar o engajado. Apesar da discrepância dos meios de luta condicionar nossas capacidades e as possíveis ações, não nos

é dado o luxo de escolher. Portanto, resolutamente, a nossa escolha, é: afirmarmos a resistência e atualizarmos as armas no sentido da mudança social, de uma efetiva sociedade de direito.

Mais uma vez diante da história, as populações africanas e suas diásporas estão defronte a um genocídio que faz dizer à velha África: esteja atento, pois tudo fala; tudo procura nos comunicar um conhecimento (Amadou Hampâté Bâ, 1991). Do silêncio da pandemia (Echazú B. e Savadogo, 2020)¹, o conhecimento que a velha África procura nos comunicar é, certamente, o cabo a seguir. É preciso enterrar Cesar, e não o louvar diria Shakespeare; e a palavra-mestre é: África insubmissa!

De sua longa marcha através da história, a negritude sabe caracterizar a identidade que nos define, não enquanto estado, mas sim, como um agir em movimento. O pan-africanismo que a sustenta é a eloquente e poderosa expressão da sua capacidade de auto-superação que, na dialética de "enraizamento-abertura", faz de sua força vital sua melhora arma para seu devir (Leopold Sédar Senghor; Souleymane Bachir Diagne).

Isso dito, cabe constataremos que, no contexto da globalização, as grandes perdas que sofreu o estado de direito nos diferentes países do Norte têm como consequência, o enfraquecimento do pan-africanismo

¹ Echazú Böschemeier, Ana Gretel; Savadogo, Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi. Brasil, A Quarentena Como Possibilidade: um Diálogo Africano e Sul-Americano. *Medical Anthropology at UCL*. 2020. Acessível em:

<https://medanthucl.com/2020/04/19/brasil-a-quarentena-como-possibilidade-um-dialogo-africano-e-sul-americano/>

e de sua cidadania cultural (Savado, 2018)². Contudo, os violentos golpes não podem nos abalar - a luta permanece e temos de nos reinventar. Trata-se de, a partir da configuração das realidades geopolíticas contemporâneas e das conquistas nelas adquiridas, não se adequar à lógica do capital e seus avatares, mas sim, derrubar a sua máquina necrófila.

Na África, é imperativo abolir as instituições estatais e regionais do controle do sistema liberal (tanto na sua declinação ocidental quanto africana) e de seus atores, cujo políticos diante dos quais as populações não se reconhecem.

Conjuntamente, a cultura de homens fortes enfrentando o colonialismo atualizado ao século XXI é a relegar ao passado (Thomas Sankara; Norbert Zongo; Aminata Dramane Traoré). A mobilização democrática das populações tem que se efetivar na sua participação de fato à mudança almejada, por decisões oriundas das coletividades e demais comunidades. Nesse processo, tratara-se de uma práxis que se nutre do poder da identidade, nossa africanidade, à luz de uma tradição que não se isola na repetição [identidade]. A superação diante das problemáticas expostas requer a devida imaginação criativa, para além da causa, transmitir a África e o que é ser africano.

Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savado

(* Socioantropólogo / *Casa das Áfricas - Amanar*
Pesquisador Associado I - Instituto de Estudos da África IEAF-UFPE
e-mail: savadoghadi@gmail.com

² Savado, Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi. *Cidadania Cultural e Espaço Público em Burkina Faso: a intelectualidade e as estratégias sociopolíticas da juventude muçulmana para o*

desenvolvimento. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFRN/PPGCS), 2018. Acessível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27578>

Meu nome verdadeiro é caixão
enterro Cemitério defunto cadáver 106
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais

Stela do Patrocínio



<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/com-140-enterros-em-24-horas-manaus-bate-recorde-de-registros-desde-inicio-de-pandemia- apenas-10-casos-sao-confirmados-de-covid-19.ghtml>



Cemitério de São Paulo..Foto: Zanone Fraissat/Folhapress

Não deu tempo

Eu estava tomando claridade de luz

Quando a luz apagou

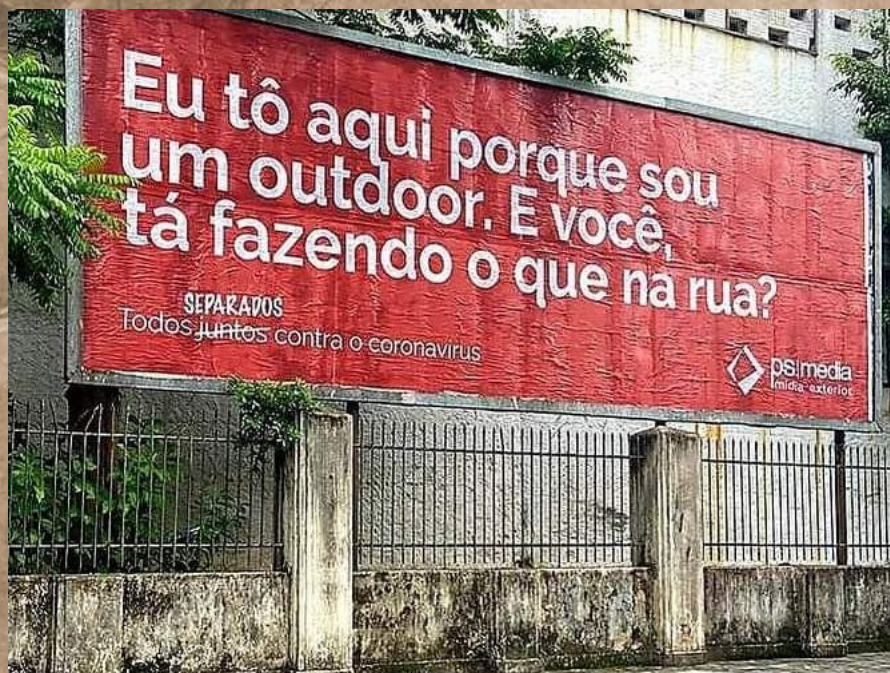
A claridade apagou

Tudo ficou nas trevas

Na madrugada mundial

Sem luz

[Stela do Patrocínio]



<https://www.folhavoria.com.br/geral/blogs/midiaemercado/2020/04/15/todos-separados-contra-o-coronavirus/>



https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/03/28/interna_nacional,1133469/ceimiterio-salvador-campanha-quarentena-nao-queremos-voces-aqui.shtml

A MINHA DOR

A minha Dor é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal ...
E todos têm sons de funeral
Ao bater horas, no correr dos dias ...

A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve ... ninguém vê ... ninguém

FLORBELA ESPANCA

"Pena é não haver
um manicómio
para corações,
que para cabeças
há
muitos."



Florbela Espanca

Se depois de eu morrer, quiserem escrever
a minha biografia

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha
biografia,

Não há nada mais simples

Tem só duas datas — a da minha nascença e a da
minha morte.

Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.

Vi como um danado.

Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.

Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque
nunca ceguei.

Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um
acompanhamento de ver.

Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes
umas das outras;

Compreendi isto com os olhos, nunca com o
pensamento.

Compreender isto com o pensamento seria achá-las
todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.

Fechei os olhos e dormi.

Além disso, fui o único poeta da Natureza.

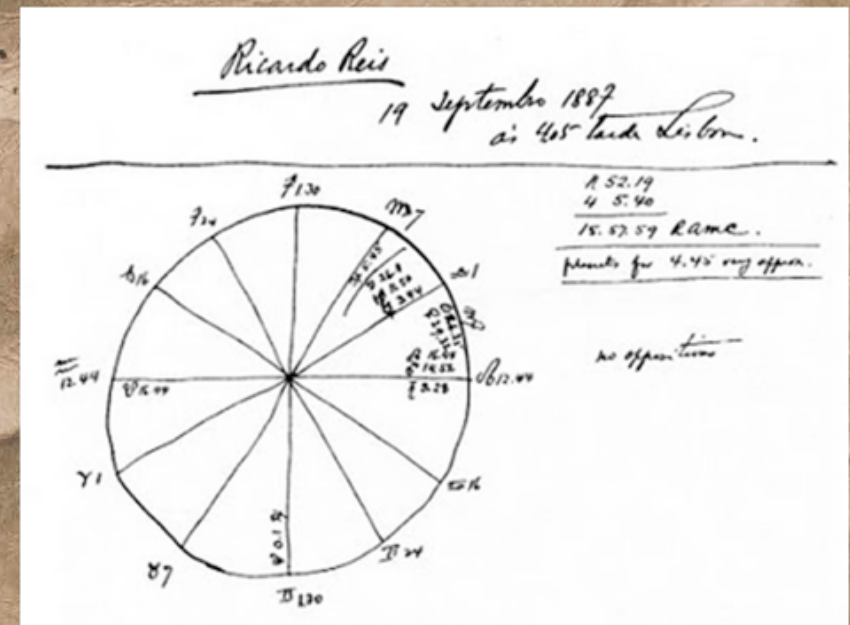
ALBERTO CAEIRO



No Ciclo Eterno das Mudáveis Coisas

No ciclo eterno das mudáveis coisas
 Novo inverno após novo outono volve
 À diferente terra
 Com a mesma maneira.
 Porém a mim nem me acha diferente
 Nem diferente deixa-me, fechado
 Na clausura maligna
 Da índole indecisa.
 Presa da pálida fatalidade
 De não mudar-me, me infiel renovo
 Aos propósitos mudos
 Morituros e infindos.

Ricardo Reis, in "Odes"
 Heterônimo de Fernando Pessoa



Morri pela Beleza, mas na tumba
Mal me tinha acomodado
Quando outro, que morreu pela Verdade,
Puseram na tumba ao lado.

Baixinho perguntou por que eu morrera.
Repliquei, “Pela Beleza” —
“E eu, pela Verdade” — ambas a mesma —
E nós, irmãos com certeza.

Como parentes que pernoitam juntos,
De um quarto a outro conversamos —
Até que o musgo alcançou nossos lábios
E encobriu os nossos nomes.

Emily Dickinson



René Magritte, The Lovers, 1928

Morrer é nada, passado,
Mas a vida inclui viver
A morte multiplicada – sem
O Alívio de morrer.

"Quando eu morrer, voltarei ao mar
Para buscar os instantes que não vivi".

Sophia de Mello Breyner Andresen

"Dai-me a casa vazia e simples onde a luz é preciosa.
Dai-me a beleza intensa e nua do que é frugal. Quero
comer devagar e gravemente como aquele que sabe o
contorno carnudo e o peso grave das coisas.

Não quero possuir a terra, mas ser um com ela. Não
quero possuir nem dominar porque quero ser: esta é
a necessidade.

Com veemência e fúria defendo a fidelidade ao estar
terrestre. O mundo do ter perturba e paralisa e desvia
em seus circuitos o estar, o viver, o ser. Dai-me a
clareza daquilo que é exactamente o necessário.

Dai-me a limpeza de que não haja lucro. Que a vida
seja limpa de todo o luxo e de todo o lixo. Chegou o
tempo da nova aliança com a vida".

Isolamento [proteção] social

1.
nesta época o mundo
: aqui e agora

a porta
: serventia da vida

2.
ando pra frente e pra dentro
pleno de alegria

cada vez mais seguro
borrifo augúrios ao vento

: janelas afloram

3.
a casa
: trans-lugar

amador ribeiro neto

sublime quarentena

amador ribeiro neto

1
ia
fuder

com
a própria

vida
mas

inesperada vem
a quarentena

2.
sozinho
no apartamento

lava toda a roupa
cozinha tudo que come

faxina o apartamento
inclusive os banheiros

de repente
recupera a antiga energia

há muito
perdida

humaniza-se sentindo-se capaz
do cuidado de si

sente pulsar
no cerne da vida

:a massa de sangue
:a massa de afeto
:

SESTA ANTIGA

A ruazinha lagarteando ao sol
O coreto de música deserto
Aumenta ainda mais o silêncio
Nem um cachorro
Este poeminho
É só o que acontece no mundo ...

Mário Quintana

Ainda mais duas coisas
pode esse campo lembrar:
um cemitério sem corpo
ou um leito de mar, sem mar

Carlos Pena Filho



Reprodução da internet - Foto divulgação

ALDIR BLANC



Hefesto
Um dia inteiro para
em queda livre
beijar o solo.

No tempo mitológico
o dia é a vida.

Os filhos que ficam
grudados na mãe
passam toda a vida
caindo.



Reprodução da internet - Foto divulgação



Dorival Caymmi

Aldir Blanc é compositor carioca. É poeta da vida, do amor, da cidade. É aquele que sabe como ninguém retratar o fato e o sonho. Traduz a malícia, a graça e a malandragem. Se sabe de ginga, sabe de samba no pé.

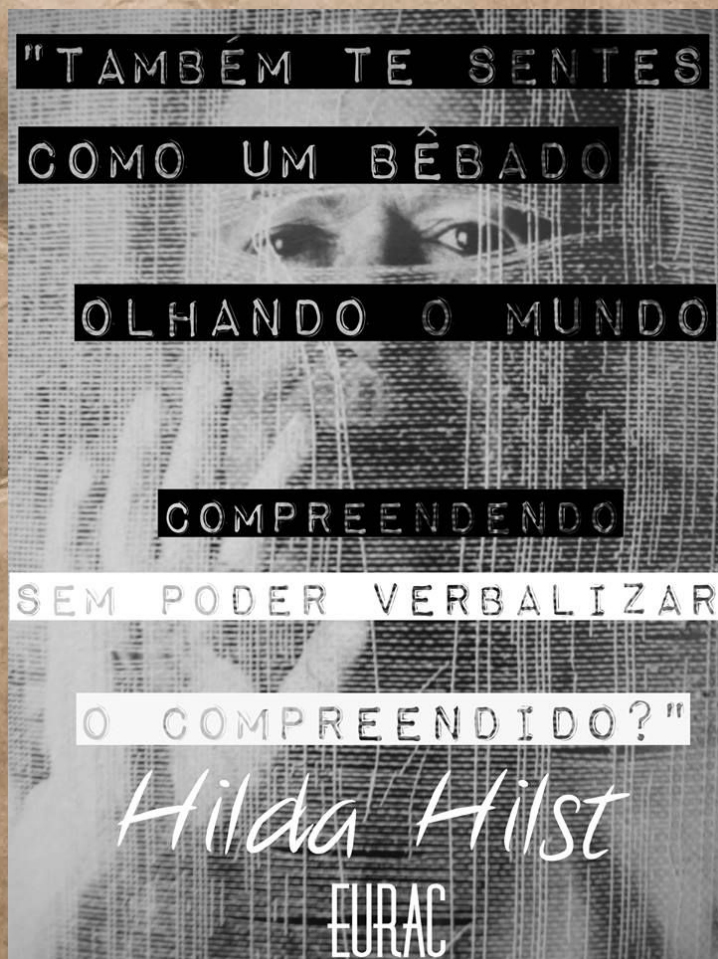
Estamos falando do Survives do Palavrão. Estamos falando de poesia verdadeira.

Todo mundo é carioca, mas Aldir Blanc é carioca mesmo.

Dorival Caymmi
30/08/96



LÚCIA LUCENA



Reprodução da internet – Foto divulgação

Molhada de ^{negras} ~~negras~~ negras

Me espia.

Que queres, morte,

Vestida de flor e fonte

Olhar a vida.

XI

Quando terra e flores
eu sentir sobre o meu corpo,
gostaria de ter ao meu lado tuas mãos.
E depois, guardar meus olhos dentro delas.

Hilda Hilst

Como virás,
morte minha?

"Da Morte. Odes Mínimas" (1980)

OCUPAÇÃO

H. L. D. H. L. S.

Qual a sua resposta? Compartilhe

#ocupacaooh   

itaucultural.org.br/ocupacao

I

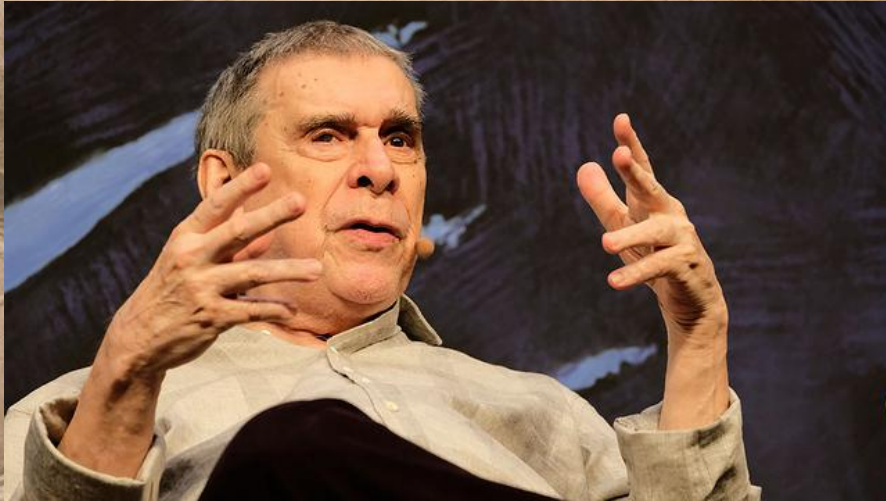
E se eu ficasse eterna?
Demonstrável
Axioma de pedra.

Um sinuoso caminho
que persigo: um desejo
sem dono, um adorar-te
vivido, mas livre.

HILDA HILST

E enquanto estiverdes
À frente da Pátria
Sobre nós, a mordança.
E sobre as vossas vidas
— Homem político —
Inexoravelmente, nossa morte.

IV



Reprodução da internet – Foto divulgação

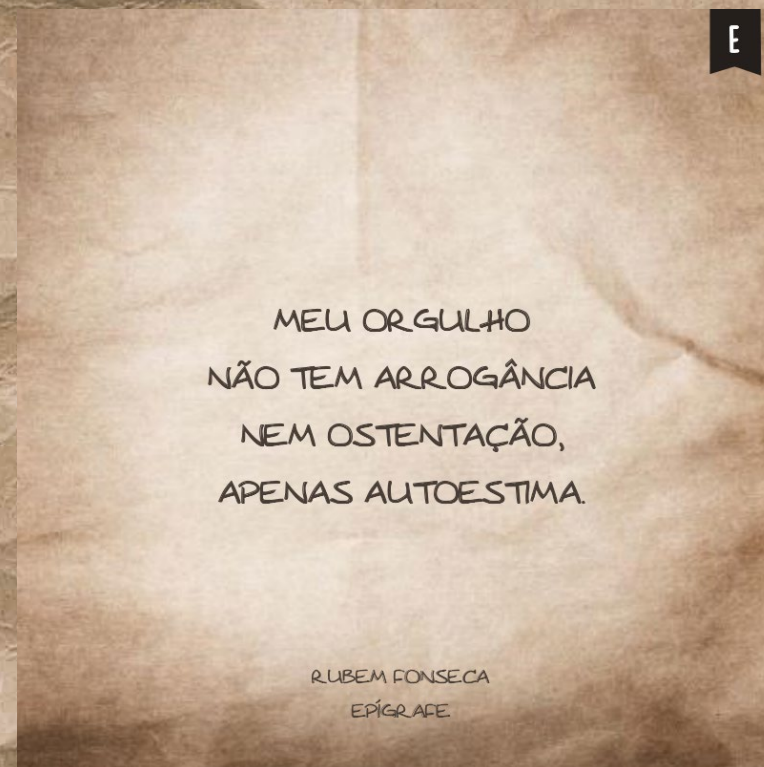
Aliás, me incomoda até, e muito, que a literatura seja tema da literatura, que o protagonista de uma obra seja o escritor, levando a maior parte do tempo uma vida tão solitária e mortificante, escrevendo, a duras penas um livro sempre na iminência do fracasso, num processo contínuo de...

SÉRGIO SANT'ANNA

O medo
sibila e avisa
espreita a cada esquina
o perigo não tem rosto
roça quente
a língua do abismo...

MARA FATURI

Um rastro de loucura
habita
vigas
corpos
concreto
e silencioso vagueia
estilhaçando nuvens
e borboletas azuis...



TEMPO PENSO

à noite, deito a cabeça no
travesseiro e penso penso
mais do que gostaria de pensar
e como não penso quando
sonho ou durmo não consigo
dormir ou sonhar

à noite, deito a cabeça no
travesseiro e penso penso
feito um pêndulo penso
que estamos com o tempo
pendurado no pescoço como
um pêndulo

à noite, deito a cabeça no
travesseiro e penso penso
no ônibus a caminho do passado
penso no presidente fico enjoada
mudo o lado penso
até quando não sonhar

à noite, deito a cabeça no
travesseiro e penso penso
penso no vírus penso no que
dona maria me receitaria
para essa doença
doença de adoecer por dentro

cabeça e peito

ancorados num único momento

à noite, deito a cabeça no
travesseiro e não penso
se é febre ou se já sou
toda magma, lava, chama

à noite, deito a cabeça no travesseiro
não durmo, não sonho
escrevo

Regina Azevedo

(* Poeta. Nasceu em Natal em 2000 e publicou alguns livros
de poemas, entre eles "Piruetas" (2017, selo do burro). Mais:
www.reginaazvdo.tumblr.com



Figura 1 - Radiografia de tórax mostrando pneumotórax bilateral e infiltração intersticial bilateral causados pela fibrose cística.

PNEUMOTORAX

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três . . . trinta e três . . . trinta e três . . .
- Respire.

.....
— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

MANUEL BANDEIRA



Encenando Confissões de um Senhor de Idade em 2018.

“Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país é (...) como tudo aqui. A humanidade não deu certo. A impressão que foram 85 anos jogados fora num país como este e com esse tipo de gente que acabei encontrando. Cuidem das crianças de hoje”

FLÁVIO MIGLIACCIO

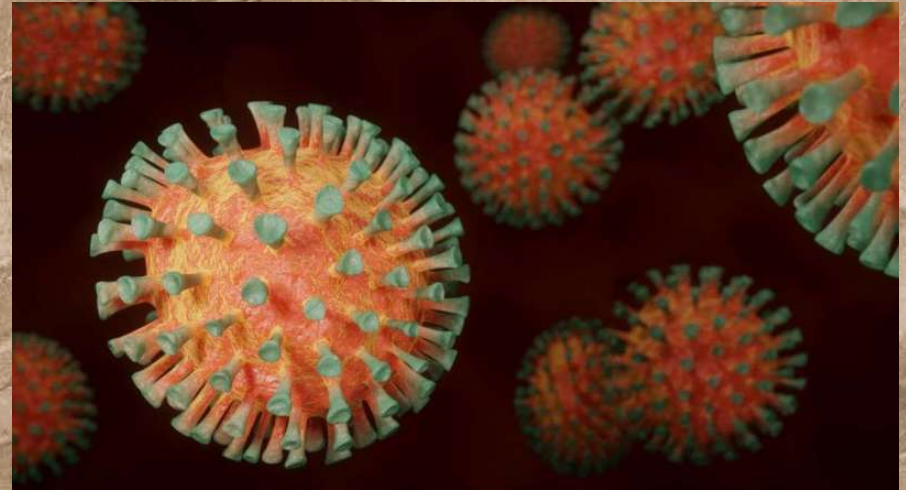


FOTO: PIXABAY

<https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/coronavirus-nove-corpos-foram-enterrados-como-suspeitos-em-goiania-1.2028140>

PANORAMA ALÉM

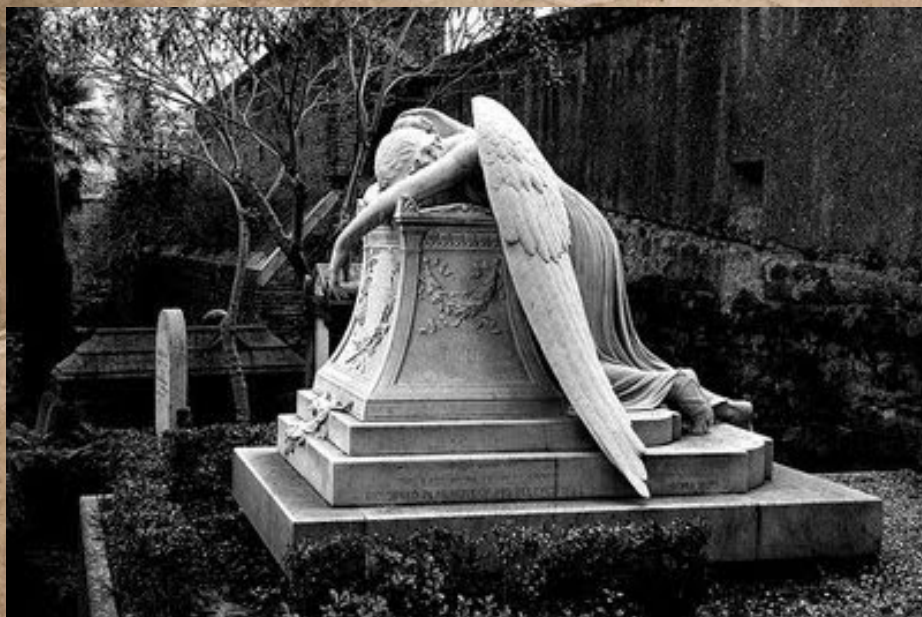
Não sei que tempo faz, nem se é noite ou se é dia.
Não sinto onde é que estou, nem se estou. Não sei de nada.
Nem de ódio, nem amor. Tédio? Melancolia.
-Existência parada. Existência acabada.

Nem se pode saber do que outrora existia.
A cegueira no olhar. Toda a noite calada
no ouvido. Presa a voz. Gesto vão. Boca fria.
A alma, um deserto branco: -o luar triste na geada...

Silêncio. Eternidade. Infinito. Segredo.
Onde, as almas irmãs? Onde, Deus? Que degrado!
Ninguém.... O ermo atrás do ermo: - é a paisagem daqui.

Tudo opaco... E sem luz... E sem treva... O ar absorto...
Tudo em paz... Tudo só... Tudo irreal... Tudo morto...
Por que foi que eu morri? Quando foi que eu morri?

Cecília Meireles



Quais os que tombam

em crimes

exaustos

Quais os que sobem

Purificados

[Cecília Meireles]

Marjorie Medeiros



Casa Sertaneja

Todo tempo posta,
nem há o quê tanto,
tudo se resume
ao utilitário.

Tamanho é o escasso
que a austeridade
quedou-se em silêncio,
como espera apática.

Rústicos os móveis,
bancos de madeira,
redes de repouso,
luz na cantareira?

O fora é o dentro
Pra que coisa tanta,
se finda na morte,
se nada levamos?

Márcio de Lima Dantas

Rol da Feira, 2016

MIRTO

Um sol que se vai.
Cingindo o tempo com o mirto
do efêmero perfume de um dia.

Márcio de Lima Dantas, in *Daimon: Poesia*, 2018.

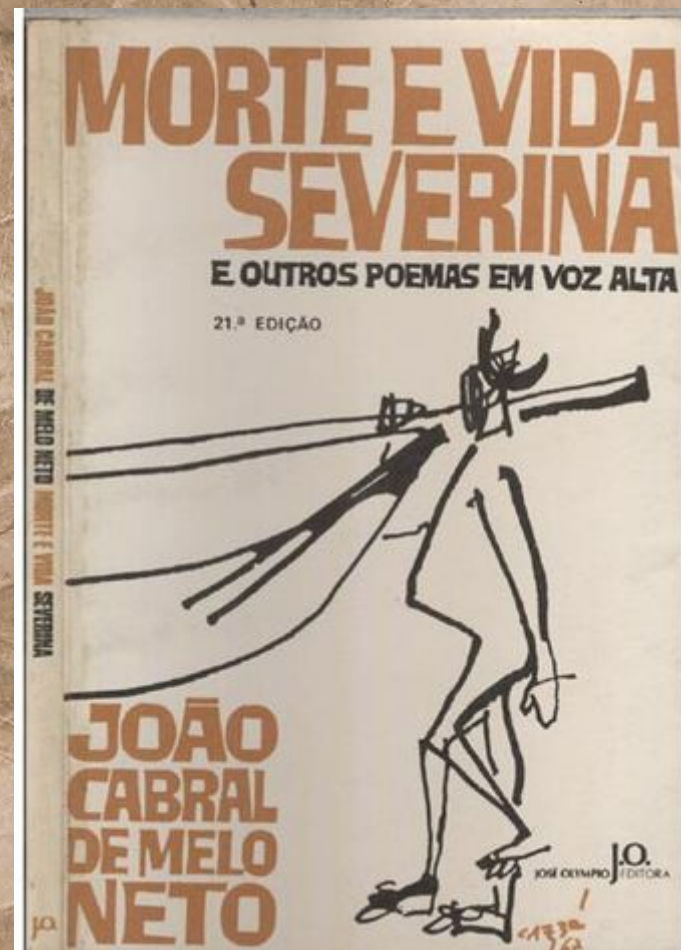
Luan Henrique Fotografia



E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

(*

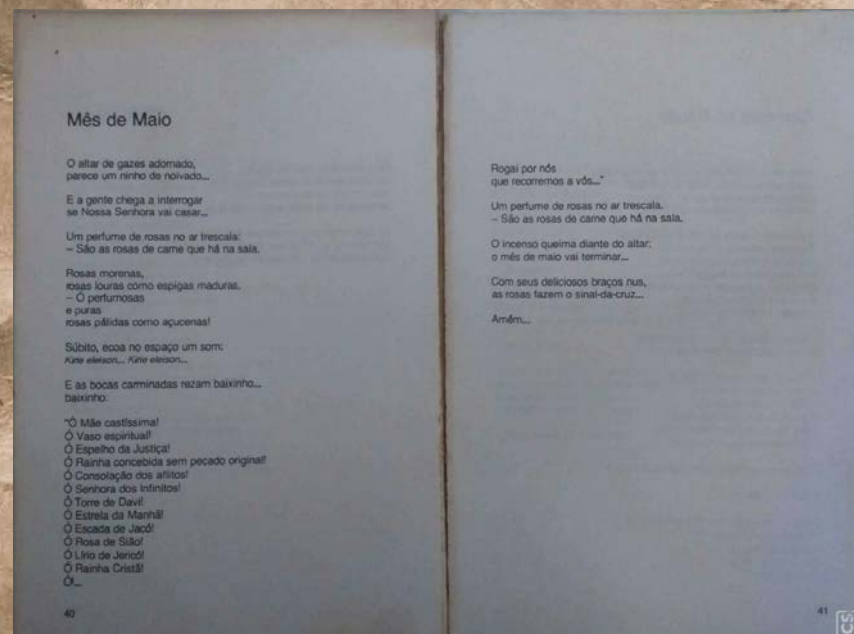
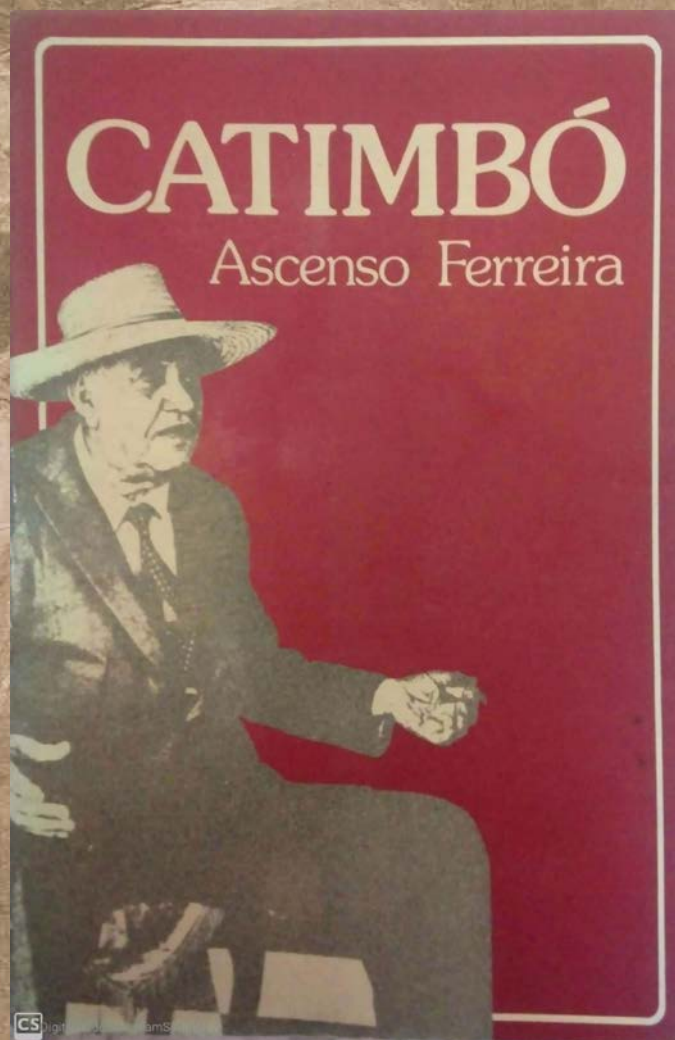
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta

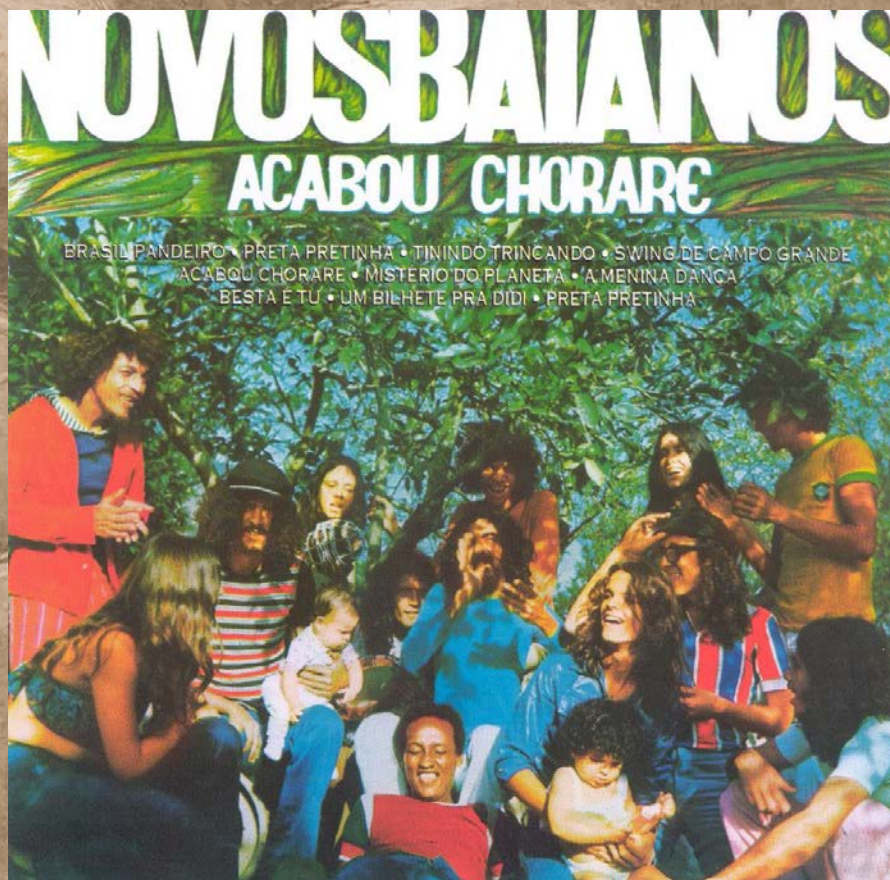


Vivemos tempos tão difíceis que não sabemos em quem confiar. Este problema do corona vírus desencadeou uma crise de valores nunca dantes vista. Pelo menos, não tenho notícias. Ficamos à mercê das intrigas de políticos inescrupulosos, de empresários desonestos, de pessoas que só visam o lucro pessoal. Aqui estamos à mercê das desinteligências entre governantes e palpiteiros. Estamos há cerca de trinta dias em quarentena e o pânico toma conta da comunidade mais consciente, por um lado, e o deboche domina outra parcela da população que leva na irreverência uma questão tão séria como a pandemia que hoje enfrentamos. As prateleiras com os “epis” aqui sumiram. Não existe, para aquisição fácil e rápida. Notícias desencontradas chegam, ameaças de todos os lados, guerras e rumores delas. Nunca vi semelhante situação. A depressão é a realidade de profissionais de saúde, de comerciantes pequenos, de donas de casa, pais de família e trabalhadores informais. Se sairmos disto, não haverá consultório psiquiátrico nem asilos suficientes para tantos desequilibrados. Casos de suicídio, há também, de modo alarmante. Fico aqui, do meu ergástulo, do meu exílio, inerte, mas preocupada. Aos 71 anos de idade e diabética, faço parte do grupo de risco. Meu marido, 78 anos, cardiopata, sem chance. Passo o dia entre pratos, fogão, esfregões, vassouras e varais. Detesto tudo isto. Não podemos contratar serviços porque o risco é verdadeiro, para ambos os lados, sem falar no policiamento ideológico que, exercido de forma fanática, relega doentes e idosos a uma condição quase inumana. Graças a Deus ainda tenho relativa saúde e consigo executar tarefas. Mas há pessoas que não conseguem, minimamente. Estas, são achacadas pelos defensores dos “oprimidos”, preocupados em regular a vida dos outros e não fazem nada para minorar o sofrimento dos mesmos oprimidos, lema de sua bandeira. Uma briga insana grassa neste país enquanto morremos de carências, de pânico, de desumanidades, de

desamor. Às vezes fico refletindo sobre como será depois? Há um depois? Vale a pena esperar por ele? Vejo muita gente desesperada e fico assustada com a instalação crescente de um estado de desesperança. Precisamos reagir a isto para continuar. O contato com as pessoas, o apoio “moral” mútuo nunca foi tão importante. Atualmente, ouço as vozes de amigos que não via há décadas. A necessidade da palavra talvez seja, hoje, nossa maior carência. Precisamos desesperadamente do outro. Do amigo. Do afeto, do desafeto. Se esta não é ainda a grande fome que viveu o mundo passado, é a grande seca da carência de humanidade. É o enfrentamento da aridez das solidões viscerais, da esterilidade dos anseios, da sensação cortante dos grilhões. Das galés deste isolamento físico, assistimos ao desmoronamento dos simulacros de lares, aos quais desejamos voltar. É sempre o desejo do retorno que move o exilado. É a visão da terra prometida que sustém o caminhante de sonhos impossíveis. Onde está Canaã? Apesar de tudo, resistamos.

Zuleide Duarte





QUARENTENA

Moraes Moreira

Eu temo o coronavírus
E zelo por minha vida
Mas tenho medo de tiros
Também de bala perdida,
A nossa fé é vacina
O professor que me ensina
Será minha própria lida
Assombra-me a pandemia
Que agora domina o mundo
Mas tenho uma garantia
Não sou nenhum vagabundo,
Porque todo cidadão
Merece mais atenção
O sentimento é profundo

Eu não queria essa praga
Que não é mais do Egito
Não quero que ela traga
O mal que sempre eu evito,
Os males não são eternos
Pois os recursos modernos
Estão aí, acredito

De quem será esse lucro
Ou mesmo a teoria?

Detesto falar de estupro
Eu gosto é de poesia,
Mas creio na consciência
E digo não a todo dia

Eu tenho medo do excesso
Que seja em qualquer sentido
Mas também do retrocesso
Que por aí escondido,
As vezes é o que notamos
Passar o que já passamos
Jamais será esquecido

Até aceito a polícia
Mas quando muda de letra
E se transforma em milícia
Odeio essa mutreta,
Pra combater o que alarma
Só tenho mesmo uma arma
Que é a minha caneta

Com tanta coisa inda cismo....
Estão na ordem do dia
Eu digo não ao machismo

Também a misoginia,
Tem outros que eu não aceito
É o tal do preconceito
E as sombras da hipocrisia

As coisas já forem postas
Mas prevalecem os relés
Queremos sim ter respostas
Sobre as nossas Marielles,
Em meio a um mundo efêmero
Não é só questão de gênero
Nem de homens ou mulheres

O que vale é o ser humano
E sua dignidade
Vivemos num mundo insano
Queremos mais liberdade,
Pra que tudo isso mude
Certeza, ninguém se ilude
Não tem tempo, nem idade”



Reprodução da Internet. Foto Divulgação / CET-Rio

Tranquei a vida,
Neste apartamento,
E a marcada juventude também.
Meu medo esconde o meu pensamento
A sorte, a morte e a ausência de alguém
Se saio às ruas passo pela vida
Numa calçada, numa esquina ou num bar
Misturo a dor com a multidão perdida
Pra me esconder e não mais me encontrar

[Tony Osanah, Ronnie Von]

À espera da liberdade

Andréa Gomes dos Santos

No novo espaço,
O vento vive enclausurado,
E eu fico sufocado.
Durmo, tenho pesadelo,
E desperto perturbado.
Nem pela tela
Nem pela janela
Eu fico conformado.
Questiono sua condição,
Sugiro possibilidades,
Mas o vento permanece inalterado.
Chão frio, gelo,
Água gelada,

Ar condicionado,
Nada disso se compara
Ao livre bailado e ao frescor do vento.
Ó, quarentena!
Como anseio o seu fim.
Não vejo a hora de voltar
À minha terra natal,
Onde lá, e somente lá, o vento
Afaga
E dá um abraço em mim.

ISOLAR-SE COM A ARTE

Eu vi.
Eu vi que tudo estava ali.
Me vi ali, me via aqui.
Eu mal podia imaginar que eu estaria aqui,
apenas comigo.
Os amigos estão.
O amor também.
A vida não pára, pra quem está além.
Não sei ser inteira sem a minha arte faceira.
Isolar-me é o mesmo que me adentrar no apelo Divino,
dizendo que devo parar.
Parar de fazer o mesmo de sempre,
seguir com o que não surgia.
É difícil compreender quando estamos só..
Eu sem você, sem ele, sem ela, apenas comigo.
Por outro lado, a música me faz um bem danado.
O meu passado natural me ensina a me ver,
me visita, me alegra, me machuca e me ensina o
caminho da ancestralidade musical.
A minha arte está para mim ou eu estou para a minha
arte?
Neste congelar social, ainda me será dado o tempo
para me responder.
Enquanto isso, vou criando e visitando cada movimento
dos meus sentidos.

Drica Souza



@dricasouza.official.

EGRÉGORA

É tempo de resguardo, recolhimento e reflexão. É tempo de voltar para si para o mundo expandir. É tempo de ser plural na singularidade. É tempo de ser uno com o universo, o planeta, as pessoas. É tempo de ser egrégora.



AGLAIA COSTA

Artista nordestina com formação erudita, atua como violinista na Orquestra Sinfônica do Recife e tem uma profunda vivência na cultura popular. Com sua Rabeca, transforma em poesia musical a vida e os dramas do povo brasileiro.



@aglaiacosta



@negadezaa

NEGADEZA

Atuando há 25 anos no mercado musical, Negadeza iniciou tocando mineiro ao lado da sua avó, Selma do Coco, aos 12 anos. Com o passar do tempo, explorou novos instrumentos percussivos, destacando-se no pandeiro. Hoje, Nega é uma das principais referências do pandeiro nacional, representando de forma ímpar as mulheres, o povo negro e os batuques da cultura popular pernambucana.

I
Anatomia do SILÊNCIO

Poemas em Série
DIONÍSIO BAHULE

[...]

Geraldo

é

um

cadáver com a mana Biatriz.

Espreito

com

eles

o

Cemitério

enquanto

sossego

o vácuo

no Celeiro ingreme duma viúva

Ontem

olhei pela varanda

o velho retrato com Estatoscópio
inclinado na cabeceira do quarto

O resto
é tudo.

Uma
tecto
junto à Tabacaria. E mais nada.

[...]

Apetece-me
a
ruptura d'uma vanguarda.

Não a nossa.

Mas

uma

vanguarda

no

sentido

a-lógico d'uma racionalidade

Uma

Ambivalência com infinitivos:

morrer ou amar. Por exemplo.

Não me dói tudo

Como

a

impotência

d'um

afecto

agoirento a ceder o bafejo das formigas

ou a lágrima a zelar um cadáver inteiro.

[...]

Ancoro-me
inerte
como um cadáver
a
terminar
a náusea d'uma incógnita

Acabaram-se
os
aplausos
Um
Esfigmomanômetro preso – cai.

É
metuculoso
como
a fumaça

dobrada no asfalto tímido
Resigna-se
num
poema a coaxar um tecto sem apelido.

[...]

Estou
sentado
em um CAFÉ.

Nairobi

É
igual

a
uma das ruas do meu país

Tem

um
asfalto
com lagartos
e um menino batendo a janela
no estendal de um SEMÁFORO.

Alice
chuta
o prato
Embrulha os segredos
e chora comigo um pai que morre.

[...]

Cerco
com
cinza as gengivas

como
quem
espia a ligeireza de um vômito
a
puxar o rasto
de
um anfíbio
que se encharca ao peso
de um poema a terminar a rua.

Fecho a porta
e
olho para o sol a burilar
ramo
a
ramo
a fotografia

do corpo preso no alfabeto da dor

Apreço

as lágrimas

Lavo

a

ferrugem confirmada

E

calo-me

como

um

lagarto

naufregando-se ao lado d'uma sombra.

DIONÍSIO BAHULE

[Poeta moçambicano]

Tessituras Caos

Francisco França (Franciscofranca60@gmail.com)

Nesse dia, o barulho estava ainda mais irritante. Mas não me prendi a ele. Meu olhar se perdia por entre os prédios, pela falta de padronização na arquitetura da cidade, e pelo reflexo da mancha branca que era a pequena caminhonete nos vidros das portas das lojas. Neles, por vezes eu me enxergava, e lembrava da infância quando eu via meu rosto nos espelhos da cidade; menor ou maior, fazia caretas para o meu outro eu, às vezes me via feio, outras vezes nem tanto e nunca bonito, só menos feio.

Os solavancos do carro por causa do asfalto irregular me lembravam das dores nas minhas costas, mas não me afastaram dos devaneios, eu ia longe. No banco do passageiro, não tinha a tarefa de dirigir, só observar.

Quando o carro parou, olhei para a casa ao lado. A calçada mal existia, havia uma rampa lateral com um degrau no fim, aquele degrau não era necessário, eu acho, simplesmente foi colocado lá, antes de uma porta fechada por uma grade sobreposta. A casa parecia antiga, devia ter

idade para ser avó do prédio gigante do outro lado da rua. Próximo à fechadura, uma marca de queimado manchava o branco do cal, como se a grade tivesse sido cortada e uma cicatriz, negra e profunda, tivesse sido deixada para trás. Supus que ela fosse o resquício de um arrombamento; talvez por ladrões ou talvez lá morava uma velhinha da minha idade que morreu durante a noite e os vizinhos, suspeitando da sua morte, foram lá checar.

Depois de tantas suposições, que muito me agradaram, já que tinham doses de drama e suspense, deixei meu olhar descer um pouco a rua pousando na casa seguinte à da velhinha. Pareceu-me curiosa. Como o nosso carro estava um pouco acima da rua, não pude vê-la com perfeição, mas pela minha visão perpendicular, percebi que o portão marrom dava para uma garagem que, aparentemente, há muito não via um carro. Notei alguns brinquedos no canto da parede e, próximo a eles, havia um ventilador, achei-o curioso, sua base havia sido trocada por uma de outra cor. Ele estava ligado e fazendo um abano preguiçoso, deduzi que havia alguém ali. Minhas suspeitas se concretizaram logo, uma voz feminina falava ao telefone com uma criança, a voz mais velha dizia à jovem que esta devia vir visitá-la. Concluí que as bonecas na pilha de brinquedos próxima ao portão eram dela.

Com algum tempo de conversa, a mulher desligou. Uma promessa ficou no ar, selada e firme, perceptível apenas por mim e por ela, a criança também, mas ali, vivendo aquela conversa, só havia eu e a mulher. Minha intromissão indireta, não me pareceu realmente invasiva.

Viver a cidade e participar dela com o olhar era o que me aliviava da rotina estafante. Suas cores e histórias transpassavam pelas minhas retinas e dessa forma eu via o outro, com sua jornada estampada nos olhos cansados, nos ombros retesados e no passo arrastado. Às vezes eu via esperança, casais jovens construía suas casas e eu levava a mobília que era recebida sempre com sorrisos; a casa simples era um palácio que parecia eterno. Mas eu não sou mais tão jovem para isso, o cansaço dos outros também é o meu. A idade agora afina os meus braços doloridos pelo peso dos móveis que carrego e o que ainda entrega algum brilho à minha vista é, não só ver, mas viver o outro.

Ver o céu nublado me acordou do devaneio e, confuso, vi quando um homem veio ao nosso encontro, seu carro caro parou mais abaixo na rua. Ele usava uma camisa apertada que ressaltava seu peitoral alto, parecia engraçado em oposição aos seus óculos redondos, a figura de homem forte parecia não compactuar com óculos. Ele chegou ao nosso carro e conversou com o motorista, depois olhou a carga, errada,

para variar. Ele foi embora, molhado pelos chuviscos finos. Nosso carro também desceu a rua, ainda olhei pelos vidros escuros do seu carro, ele falava ao telefone, provavelmente, sobre coisas mais importantes do que a água milagrosa que caía do céu.

Quando descemos a rua, não pude deixar de olhar a casa da mulher que há pouco conversava com a criança. Naquele momento de espera sua simples garagem me escondia segredos. Eu não podia vê-la, então deixei minha mente se encarregar de enxergá-la da forma que lhe convinha. Agora, vendo-a como realmente era, me senti levemente decepcionado, era menor do que eu pensava! E, no meio da bagunça triste de pilhas de roupas com alguns pingos de alegria na forma de brinquedos espalhados, uma mulher sorria passando um delicado vestido azul numa velha máquina de costura.

MANDJA: contemplação das mãos que tudo cria e transforma, o livro que guarda e nos ensina os mistérios e revela-nos os segredos dos deuses. As folhas secas no chão das mãos; a sombra das árvores que é sombra e alimento de nossos espíritos; a vida que renasce.

TSUMBE

[Dançarino Moçambicano]



XITENDE: a água e o caminhar, julgo que, são elementos muito fortes. Na nossa tradição, acredita-se que o Homem pode perder tudo, pode ficar sem nada, mas conserva a porta sempre aberta à ancestralidade. A Água é a fonte da vida onde se acredita que é dela a verdadeira origem do Homem e da vida. O Caminhar indica o movimento e a dinâmica que busca as transformações; é o futuro que o Homem quer alcançar.



